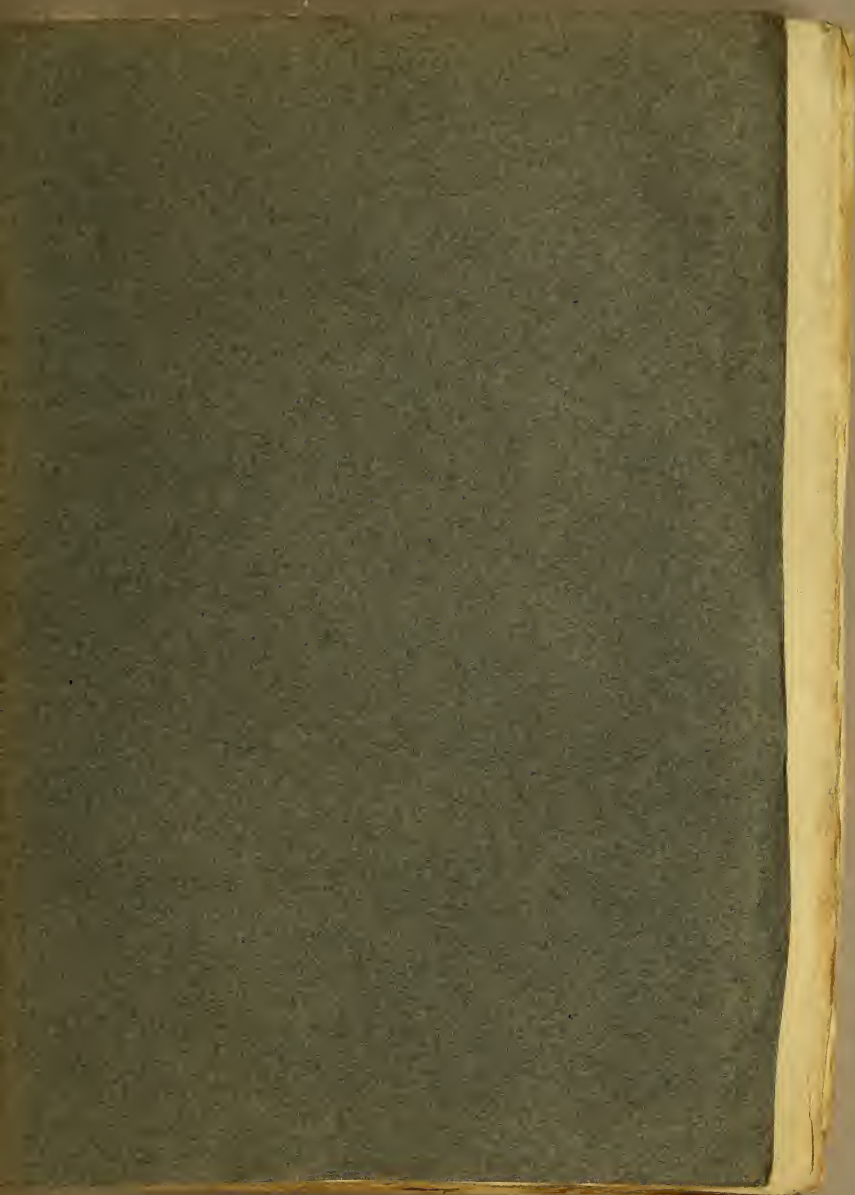






563
①

V I O L A
D E
L E R E N O:

COLLECÇÃO
DAS SUAS CANTIGAS,

OFFERECIDAS
AOS SEUS AMIGOS.

V O L U M E II.



L I S B O A:
NA TYPOGRAFIA LACERDINA. 1826.

Com Licença.

563

VIOLE

DE

THE NEW

LIBRARY

OF THE UNIVERSITY

OF TORONTO

AND OF THE

VOLUME II

1871

LIBRARY

OF THE UNIVERSITY

OF TORONTO



VIOLA DE LERENO.

NÃO ENTENDO O CORAÇÃO.

Meu coração assustado
Tem prazer, tem afflicção ;
Tudo soffre de mistura ,
Não entendo o coração.

Vendo huns Olhos engraçados
Bate elle assustado então ;
Quando não os vê suspira ,
Não entendo o coração.

Agora em amor se embebe ,
Mal diz agora a paixão ;
Ora quer, ora não quer ,
Não entendo o coração.

Beija ás vezes satisfeito
O seu dourado grilhão;
Outras diz, que peza muito,
Não entendo o coração.

Zomba agora de Cupido,
E vai oppor-lhe a razão;
Logo acha razão amar,
Não entendo o coração.

Diz que os olhos engraçados
Do seu bem o seu bem são;
Depois dos olhos se queixa,
Não entendo o coração.

Diz que o seu bem lhe dá vida,
Por isso lhe beija a mão;
Diz que o mata a mão que beija,
Não entendo o coração.

Chora a sua liberdade,
Prantea-lhe a perdição;
Vai entrega-la por gosto;
Não entendo o coração.

Diz que a razão bem podia
Vencer toda a inclinação;
E acha razão d'inclinar-se,
Não entendo o coração.

Pede-me elle o seu socego
Nutrindo a propria paixão;
Quer amando socegar-se,
Não entendo o coração.

Sem acabar de morrer.

C A N T I G A S.

HE a minha triste vida
Sempre penar, e soffrer;
Vou morrendo a todo o instante
Sem acabar de morrer.

Sabes, meu bem o q' eu soffro
 Quando não te posso ver?
 He morrer de saudades
 Sem acabar de morrer.

Prometteo-me Amor doçuras,
 Contentou-se em prometter;
 E me faz viver morrendo
 Sem acabar de morrer.

Lisongeiras esperanças
 Vem minha morte empecer;
 Vão-me sustentando a vida
 Sem acabar de morrer.

Em mim tome hum triste exemplo
 Quem amando quer viver;
 Saiba que he viver morrendo
 Sem acabar de morrer.

Quando ponho a mão no peito
 Sinto hum languido bater;
 He o coração que espira
 Sem acabar de morrer.

Marilia Brasileira nas Caldas.

M O D I N H A.

PASTORES que afflictos
Saude buscais,
Em vão esperais
A Amor escapar.

E S T R I B I L H O.

Amor tem Marilia
Por elle ensinada,
E quando lhe agrada
Vos sabe matar.

Fugi de seus Olhos
Tão vivos, e bellos,
Se a Amores, e a Zellos
Quereis escapar.

Amor &c.

Com outras pastoras
Eu não a confundo,
Que de hum novo mundo
Vem neste brilhar.

Amor &c.

Em vão presumis
De ter liberdade,
Que a livre vontade
Vos vem cativar.

Amor &c.

Temei dos seus olhos
O doce veneno,
Que ao pobre Lerenio
Já fez palpar.

Amor &c.

Fugi do seu riso
Que mata brincando,
Que zomba matando
E a rir vê chorár.

Amor &c.

RETRATO DE LUCINDA.

QUERO Lucinda
Bem retratar-te,
Se acaso a arte
Tanto puder.

Finos cabellos
Em trança grossa,
Temo que possa
Pintalos bem.

Dos lindos olhos
A luz tão viva,
Côr expressiva
Nunca eu darei.

Não tens nas faces
Jasmins e rosa,
Côr mais graciosa
Nas faces tens.

Todas ta invejão,
E ha quem ser queira,
Assim trigueira
Como tu és.

Tão linda boca
Graciosa, e breve,
Ninguem a teve
Nem pode ter.

Quando tu mostras
Os alvos dentes,
Causas ás gentes
Doce prazer.

Vem por entre elles
Vozes discretas,
São de Amor settas
Que ferem bem.

Risos e graças
Não tem pintura,
Tanta doçura
Copia não tem.

Guardas no seio
De Amor o encanto,
Mas cobres tanto
Que não se vê.

Se o gentil corpo
Quero imitar-te,
Desmaia a arte
Tu bem o vês.

Pobre Lereno
Vê que he loucura,
Deixa a pintura
Beija-lhe os pés.

Neste Retrato
Se acaso eu minto,
He porque pinto
Menos do que és.

RETRATO DA MINHA AMADA.

Não digo o nome
Da minha amada,
Que não tem nada
Que conhecer.

Com tanta graça
Não ha ninguem.

Amor nos fios
Da loura trança,
Quantos alcança
Vai enlaçar.

Mais prezo qu' eu
Ninguem está.

(13)

A luz dos olhos
Nunca se eclipsa,
Alli atiga
Seu fogo Amor.

Não he tão bella
A luz do Sol.

A côr das faces
Lindas formosas,
He a das rosas
Com os jasmins.

Outra nenhuma
Tem côr assim.

Guarda na boca
As mãos graciosas
Perlas preciosas
Entre rubins.

Que voz tão rica
Se fórra alli!

(14)

He cofre rico
O niveo peito,
Do mais perfeito
Mais puro Amor.

Guard' a minh' alma
Que eu lá fui pôr.

Os pés mimosos
Com graças tantas,
São tenras plantas
São pés de flor.

Eu vou beijar-lhos
Seja o que o fôr.

Se acaso virem
A Ninfa bella,
Que como ella
Não ha ninguem.

He essa mesma
Que he o meu bem.

LUNDUM

DE CÂNTIGAS VAGAS.

XARAPIM eu bem estava
Alegre nest' alleluia,
Mas para fazer-me triste.
Veio Amor dar-me na cuya.

Não sabe meu Xarapim
O que amor me faz passar,
Anda por dentro de mim
De noite, e dia a ralar.

Meu Xarapim já não posso
Aturar mais tanta arenga,
O meu genio deo á casca
Mettido nesta moenga.

Amor comigo he tyranno
Mostra-me hum modo bem cru,
Tem-me mexido as entranhas
Qu' estou todo feito angu.

Se visse o meu coração
Por força havia ter dó,
Por que o Amor o tem posto
Mais mole que quingombó.

Tem nhanhá certo nhónhó,
Não temo que me desbanque,
Porque eu sou calda de assucar
E elle apenas mel do tanque.

Nhanhá cheia de cholices
Que tantos quindins affecta,
Queima tanto a quem a adora
Como queima a malagueta.

Xarapim tome o exemplo
Dos casos que vê em mim,
Que se amar ha de lembrar-se
Do que diz seu Xarapim.

ESTRIBILHO.

Tenha compaixão
Tenha dó de mim,
Porqu' eu lho mereço
Sou seu Xarapim.

LÍLIA O ÚNICO BEM DE LERENO.

Que mais quero eu.

CANTIGAS.

TIVE contraria a Fortuna,
Nada a Fortuna me deo;
Mas do seu rico thesouro
Terno Amor me enriqueceo.
Se Amor me deo Lília
Que mais quero eu.

Eu não tenho inveja aos ricos
Por mais que tenham de seu;
Satisfeito estou contente
Com hum bem que Amor me deo.
Se Amor &c.

Digão que fugio meu gado,
Que a ceara se perdeo;
Basta só que me restasse
O meu bem que Amor me deo.
Se Amor &c.

Se Amor premeia os escravos
Bastará que o diga eu;
Ninguém sabe os ricos premios
Que Amor em Lilia me deo.
Se Amor &c.

Prometteo-me tantas vezes,
Cumprio quanto prometteo;
Prometteo dar-me hum thesouro
Em Lilia hum thesouro deo.
Se Amor &c.

Elle não tem mais que dar-me,
E se tem não quero eu;
Por dar-me o melhor que tinha
He que Amor Lilia me deo.
Se Amor &c.

Quando fita nos meus olhos
Os seus olhos cõr do Ceo;
A minha alma então conhece
Que riqueza Amor me deo.
Se Amor &c.

Não he Lilia não do mundo
He viva porção do Ceo;
A terra exultou de gosto
Quando Lilia recebeo.
Se Amor &c.

Esmerou-se a Natureza
E quebrou o molde seu;
Que ao depois de nascér Lilia
Outra igual nunca nasceo.
Se Amor &c.

Em vão querem conhecê-la
Nem sabem, nem digo eu;
Com temor de que me roubem
Guardo hum bem que Amor me deo.
Se Amor &c.

M O T E.

Quero dizer-te
Mas tenho medo
De que não saibas
Guardar segredo.

G L O S A.

C A N T I G A S.

TENHO mil cousas
Que revelar-te,
Cousas que podem
Muito agradar-te.
Quero &c.

O que dirias
Se tu soubesses:
Meus bens, e males.
Que não conheces.

Quero &c.

De isento e livre
Mais não me gables,
Tenho cadeias
Que tu não sabes.

Quero &c.

Triste, e saudoso
Neste retiro,
Tu não presumes
Por quem suspiro.

Quero &c.

Lgrimas tristes
Banhão meu rosto,
E calo a causa
Do meu desgosto.

Quero &c.

Entre estes bosques
Saudoso exclamo ,
E ninguém sabe
Por quem eu chamo.
Quero &c.)

O coração
Terno se agita ,
E ninguém sabe
Por quem palpita.
Quero &c.)

Choro humas vezes
E algumas canto,
E a causa occulto
Do riso, e pranto.
Quero &c.)

Tu és só quem
Saber devia
Os meus pesares
Minha alegria.
Quero &c.)

Sabe, sim, sabe
Que estes meus ais.
Tu bem me entendes?
Não posso mais.
Quero &c.

RETRATO DE MARILIA.

LINDA Marilia
O teu semblante
Faz ser amante
Quem o não he.

Se acaso eu minto
Nisto que digo,
Mentem comigo
Quantos te vem.

Do teu cabelo
Assim atado.
O Deos vendado
Seus grilhões fez.
Se &c.

São os teus olhos
Duas estrellas,
Luzes mais bellas
Não póde haver.
Se &c.

Tens de açucenas
Fáces formadas,
E misturadas
De ros' as tens.
Se &c.

He tua boca
De perlas mina,
Perlas que a China
Iguaes não tem.
Se &c.

Tambem nevada
He a garganta,
Nenhuma tanta
Doçura tem.
Se &c.

Honesto ornato
Teu peito encobre,
E a alm' a mais nobre
Tu ahi tens.
Se &c.

E's engraçada
De corpo airoso,
Todo mimoso
Teu todo he.
Se &c.

Se amar-te he culpa
Se não té agrada,
Tambem culpada
Nisso tu és.
Se &c.

Ou os meus votos
Marilia acceita,
Ou tão perfeita
Deixa de ser.

Se &c.

RETRATO DE MARILIA.

Não cuides gentil Marilia
Qu' eu me atrevo a retratar-te,
Qu' eu muito bem sei que a arte
Não póde a tanto chegar.

Ah! Marilia! Ah Marilia!
Tu és rara és singular.

Ou sejam prezos ou soltos
Teus lindissimos cabellos,
Pasma-se a gente de vê-los
Sem os poder retratar.

Ah! &c.

A luz viva dos teus olhos
Eu não pinto os resplandores,
Nem podem humanas côres
As estrellas imitar.

Ah! &c.

Bem qu' eu dê ás tuas faces
A côr de jasmins e rosas,
Tens côres mais graciosas
Que não se podem pintar.

Ah! &c.

Podião fingir teus beiços
Vermelho rubim partido,
Dentes de marfim bornido
Mas era só comparar.

Ah! &c.

Ao rico mimoso seio
Chamo só mimoso e rico,
Assim decente me explico
Sem o poder desenhar.

Ah! &c.

Pasmado do gentil garbo
Do corpo airoso e perfeito,
Eu vou cheio de respeito
Seus mimosos pés beijar.

Ah! &c.

Se és Marília hum chefe d'obra
D'apurada Natureza,
Debalde tua belleza
Eu queria copiar.

Ah! &c.

Ame se quer ser feliz.

EM desgraçada isempção
Clamo a Amor, e Amor me diz,
Quem não ama he desgraçado,
Ame se quer ser feliz.

Que me diz?
Tenho dito,
Ame se quer ser feliz.

Amor seus laços armava
De qu' escapei por hum triz,
E elle de longe bradava
Ame se quer ser feliz.

Que &c.

Qu' eu não me suguete a amar
Severa razão me diz,
Mas grita-me a Natureza
Ame se quer ser feliz.

Que &c.

Se eu rogo a Amor que me cure
De horriveis zellos subtiz,
Clama, como quem receita,
Ame se quer ser feliz.

Que &c.

Quem não for afortunado
Sendo de Amor aprendiz,
Suas lições continúe,
Ame se quer ser feliz.

Que &c.

Quem se vir assalteado
De horriveis ciúmes vís,
Amando vencerá tudo,
Ame se quer ser feliz.

Que &c.

L U N D U M.

Eu tenho huma Nhanhásinha
A quem tiro o meu chapéo;
He tão bella tão galante,
Parece cousa do Ceo.

Ai Ceo!

Ella he minha yayá,
O seu moleque sou eu.

Eu tenho huma Nhanhásinha
Qu' eu não a posso entender;
Depois de me vêr penar,
Só então diz que me quer.
Ai &c.

Eu tenho huma Nhanhásinha
A melhor que ha nesta rua ;
Não ha dengue como o seu ,
Nem chulice como a sua.

Ai &c.

Eu tenho huma Nhanhásinha
Muito guapa muito rica ;
O ser fermosa me agrada ,
O ser ingrata me pica.

Ai &c.

Eu tenho huma Nhanhásinha
De quem sou sempre moleque ;
Ella vê-me estar ardendo ,
E não me abana c' o leque.

Ai &c.

Eu tenho huma Nhanhásinha
Por quem chora o coração ;
E tanto chorei por ella ,
Que fiquei sendo chorão.

Ai &c.

VIOLA DE LERENO.

Vol. II.

Num. 2.

RETRATO DE AMALIA.

DESCEI Cantores
Desde a Castalia,
Louvai Amalia
Ninfa gentil.

Não nos confunda
Este portento
O esquecimento
Inerte e vil.

VOL. II.

c

Vêde o seu rosto
Lindo engraçado,
Todo formado
Por mãos de Amor.

E o melhor garbo
Graça e lindeza,
Que a Natureza
Pode compor.

D' aurea madeixa
Que atada vêdes
Amor as rêdes
Subtil teceo.

Elle he que prende
O terno esposo,
Nó tão ditoso
Nunca mais deo.

Os lindos olhos
Com luzes bellas
Mais do que estrellas
Vêde brilhar.

(3)

E falte embora
Phebo jocundo,
Que Amalia ao mundo
Luz póde dar.

A côr purpuria
Das frescas rosas
Nas graciosas
Faces se vê.

Com viva neve
Fazem mistura,
Da formosura
Esta a côr he.

Formão-lhe a boca
Das graças centro,
Perolas dentro
Fóra coraes.

De alegres risos
Voz delicada,
Linda morada
Que honra os mortaes.

(4)

Honras ao mundo
Gentil Amalia,
Honra a Castalia
Tambem assim.

Venhão as Musas
Venhão louvar-te,
E eternisar-te
Que he o meu fim.

DOÇURA DE AMOR.

CUIDEI que o gosto de Amor
Sempre o mesmo gosto fosse,
Mas hum Amor Brasileiro
Eu não sei porque he mais doce.

Gentes como isto
Cá he temperado,
Que sempre o favor
Me sabe a salgado:
Nós lá no Brasil
A nossa ternura
A assucar nos sabe,
Tem muita doçura,
Oh! se tem! tem.
Tem hum mel mui saboroso
He bem bom he bem gostoso.

As ternuras desta terra
Sabem sempre a pão e queijo,
Não são como no Brasil
Que até he doce o desejo.
Gentes &c.

Ah nhanhá venha escutar
Amor puro e verdadeiro,
Com preguiçosa doçura
Que he Amor de Brasileiro.
Gentes &c.

Os respeitos cá do Reino
Dão a Amor muita nobreza,
Porém tirão-lhe a doçura
Que lhe deo a Natureza.
Gentes &c.

Quando a gente tem nhanhá
Que lhe seja bem fiel,
He como no Reino dizem
Cahio a sopa no mel.
Gentes &c.

Se tu queres qu' eu te adore
A' Brasileira hei de amar-te,
Eu sou teu, e tu és minha,
Não ha mais tir-te nem guar-te.
Gentes &c.

Para o mesmo Estribillo.

O AMOR que he cá do Reino
He hum Amor caprichoso,
O do Brasil todo he doce
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Eu tremo sé o meu bem vejo
Enfadadinho e raivoso;
Mas o momento das pazes
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Hum certo volver dos olhos
Inda hum tanto desdenhoso,
No meio disto hum suspiro
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Hum dizer-me vá-se embora
Com hum adeos cicioso,
E hum apertinho de mão
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Hum ir vêr-me da janella
Com hum modo curioso,
E então assoar-se a tempo
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Hum temer hum ladrãozinho
Que me assaltasse aleivoso,
Bater-lhe por isso o peito
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Ao moço que me acompanha
Hum perguntar cuidadoso,
Hum ai de desasustar-se
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Quando triste estou em casa
A recordar-me saudoso,
Hum recadinho que chega
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Hum escripto em duas regras
D'um modo mui amoroso,
Hum misturado de letras
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Vir a gente rebolindo
Ao chamado imperioso
Ouvir-lhe *apre inda não chega!*
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

Chegar aos pés de nhanhá
Ouvir chamar preguiçoso,
Levar hum bofetãozinho
He bem bom he bem gostoso.
Gentes &c.

CHUCHAR NO DEDO.

Ai de mim que Amor me manda
Soffrer seu cruel brinquedo;
Aos outros faz doces mimos
E cá eu chucho no dedo.

Pobre de mim
Ai coitadinho!
Fico chuchando
No meu dedinho.

Todôs os mais que Amor servem
Tem seu premio, ou tarde ou cedo ;
Gostão das suas doçuras
E cá eu chucho no dedo.
Pobre &c.

Hei de me poupar amando
Ir servindo sempre a medo,
Porque os outros lambem tudo
E cá eu chucho no dedo.
Pobre &c.

Tomára ser venturoso
Ao menos em arremedo ;
Porque os outros andão fartos
E cá eu chucho no dedo.
Pobre &c.

Amor o inquieto Amor
Nunca mais póde estar quedo ;
Mas aos outros accomoda
E cá eu chucho no dedo.
Pobre &c.

Quem vir qu' eu já fujo a Amor
E que de Amor já me arredo;
He que trata bem a todós
E cá eu chucho no dedo.

Pobre &c.

Ando de Amor esfaimado
Já o digo sem segredo;
Que dá aos outros razão
E cá eu chucho no dedo.

Pobre &c.

Adeos eu me vou embora,
Até hum dia bem cedo;
Ficai-vos de Amor fartando
E cá eu chucho no dedo.

Pobre &c.

Não quero de Amor fallar
Porque de Amor tenho medo;
Poz-me o seu dedo na boca
E cá eu chucho no dedo.

Pobre &c.

RETRATO DE ANARDA.

ENTRE as pastoras
A mais galharda,
A terna Anarda
Vemos que he.

Feliz o esposo
Que nos seus braços
Lhe tece os laços
De Amor, e fé.

As grossas tranças
Graciosas pendem,
E alli se prendem
Os corações.

Feliz aquelle
Que o Deos vendado
Tem enlaçado
Nessas prizões.

Rasgados olhos
De luz bem clara,
D'onde tirára
Raios Amor.

Alli conserva
O cego Nume
O voraz lume
Consolador.

As lindas faces
Ornar de alvura
A formosura
Não escolheo.

Mas côr divina
Nellas se adora
Com' a que a aurora
Mostra no Ceo.

A linda boca
Vêde pastores,
Graças e Amores
Alli vereis.

Vêde a brandura
Com que vos falla,
~~Ide adora-la~~
Não vos pasmeis.

O gentil corpo
Airoso e bello,
Para modello
Deve servir.

Dai ao Ceo graças
Em honra della,
Que hum' alma bella
Lhe foi unir.

RETRATO DE ANARDA.

PASTORES acompanhai-me
Cada hum sua flauta tome,
E de Anarda o doce nome
Vinde todos festejar.

Anarda gentil Anarda
Vem nossos hymnos honrar.

Aquellas formosas tranças
De finissimos cabellos,
A luz viva de olhos bellos
São dignas de se louvar.
Anarda &c.

O resto que a Natureza
Engraçadamente cõra,
As faces da cõr d'aurora
Tem muito que celebrar.

Anarda &c.

Engraçada boca, e linda,
Que só voz discreta solta,
N'um divino aroma envolta
Que perfuma a todo o ar.

Anarda &c.

A lindissima garganta
O corpo gentil, e airoso,
O engraçado pé mimoso
Tudo he raro, he singular.

Anarda &c.

Mas desta pastora illustre
Não se louve só belleza,
Tens mais dons da Natureza
Digno assumpto de cantar.

Anarda &c.

Ostentou o Ceo mostrar-se
Sempre liberal com ella,
Deo-lhe em bello corpo, a bella
Alma illustre, e singular.
Anarda &c.

L U N D U M.

Eu nasci sem coração
Sendo com elle gerado,
Porqu' inda antes de nascer
Amor mo tinha roubado.

R E S P O S T A.

Meu bem, o meu nascimento
Não foi como elle nasceo;
Qu' eu nasci com coração,
Aqui stá que todo he teu.

Apenas a minha vista
De ti noticia lhe deo,
Logo elle quiz pertencer-te
Aqui stá que todo he teu.

Bebendo a luz dos teus olhos
Nella hum veneno bebeo;
He veneno que cativa
Aqui stá que todo he teu.

Elle em signal do seu gosto
Pulou no peito, e bateo;
Vem vê-lo como palpita
Aqui stá que todo he teu.

Para ser teu Nhanhásinha
Não deixei nada de meu,
Té o proprio coração
Aqui stá que todo he teu.

Se não tens mais quem te sirva
O teu moleque sou eu,
Chegadinho do Brasil
Aqui stá que todo he teu.

Eu era da Natureza
Ella o Amor me vendeo;
Foi para dar-te hum escravo
Aqui stá que todo he teu.

Quando Amor me vio rendido
Logo o coração te deo;
Disse menina recebe
Aqui stá que todo he teu.

Unidos os corações
Deve andâr o meu c' o teu;
Dá-me o teu, o meu stá prompto
Aqui stá que todo he teu.

Meu bem está mal com eu.

QUEM terá de mim piedade
Eu peço soccorro ao Ceo;
Que para tudo me ir mal
Meu bem está mal com eu.

Não he preciso que o digão
Eu bem vejo o rosto seu;
Todo o carinho he disfarce
Meu bem está mal com eu.

Logo que hoje entrei a vê-la
O coração me bateo;
Palpitando me dizia,
Meu bem está mal com eu.

Como foi esta mudança?
Isto como succedeo?
Só para estar bem com outro
Meu bem está mal com eu.

Ai de mim que triste vida
Que cruel fado he o meu!
Que mesmo assim não sei como
Meu bem está mal com eu.

Que suspeitou o meu bem?
O meu bem o qu' entendeo?
Eu não sei porque motivo
Meu bem está mal com eu.

Eu não me soffro a mim mesmo
Minha paz já se perdeo;
Não posso estar bem comigo
Meu bem está mal com eu.

A sua vista algum dia
Ternuras me prometteo;
Agora não me diz nada
Meu bem está mal com eu.

A alegria que me dava
A outro feliz a deo;
Já se tem mudado a scena
Meu bem está mal com eu.

Quem me vir chorar afflicto
Não cuide que alguém me deo;
He Amor que me castiga
Meu bem está mal com eu.

RETRATO DE MARCIA.

O^H! Marcia bella
Teu lindo rosto
Inspira gosto
Causa prazer.
Dizem-no todos
Quantos te vem.

Os teus cabellos
Que prendem flores
Prendem de Amores
A alma tambem.
Dizem-no &c.

Quem vê teus olhos
Bem sente logo
O amante fogo
No peito arder.
Dizem-no &c.

Tens ahi os arcos
Com que Cupido
Deixa ferido
A quem te vê.

Dizem-no &c.

As lindas faces
Assim córadas
Envergonhadas
As rosas tem.

Dizem-no &c.

He breve a boca
D' immensas graças
Por mais que faças
Muita mais tem.

Dizem-no &c.

Essa garganta
De neve pura
Com que doçura
Canta tambem.

Dizem-no &c,

Tão delicada
Desce a cintura
Gentil figura
Como ninguém.

Dizem-no &c.

Dirá que és rara
Quem te conheça
Desde a cabeça
Até aos pés.

Dizem-no &c.

He bem feito torne a amar.

SE dos males qu' eu padeço
Aos outros me vou queixar;
Todos rindo me respondem
He bem feito torne a amar.

Com meu proprio coração
Tenho razão de ralar;
Quiz amar sendo infeliz
He bem feito torne a amar.

Suas antigas desgraças
Como podem não lembrar ?
Se tem outra he sua culpa
He bem feito torne a amar.

Devia fugir das bellas
E de onde as podesse achar ;
Foi metter-se no perigo
He bem feito torne a amar.

Foi fiar-se em olhos lindos
Que ha em olhos que fiar ?
Será outra vez cativo
He bem feito torne a amar.

Elle estava em seu socego
Quiz-se mesmo inquietar ;
Assim o quiz assim o tenha
He bem feito torne a amar.

Bem sabia o que Amor custa
E quanto o faz suspirar ;
Soffra , padeça , suspire ,
He bem feito torne a amar.

Bem sabe que he do seu fado
O padecer, e callar;
Mudamente vá soffrendo
He bem feito torne a amar.

Sua antiga liberdade
Já lhe ha de em vão lembrar;
Tem huns ferros que o segurão
He bem feito torne a amar.

Dos que vi ainda estar prezos
Eu o vi livre zombar;
Zombão delle agora os outros
He bem feito torne a amar.

Jactava-se mui vaidoso
De poder grilhões quebrar;
Soffra agora grilhões novos
He bem feito torne a amar.

Não sabia que o menino
Nunca lh' esquece o vingar;
Supporte a sua vingança
He bem feito torne a amar.

Lundum em louvor de huma Brasileira adoptiva.

C A N T I G A S.

Eu vi correndo hoje o Téjo
Vinha soberbo e vaidoso;
Só por ter nas suas margens
O meigo Lundum gostoso.

Que lindas voltas que fez
Estendido pela praia
Queria beijar-lhe os pés.

Se o Lundum bem conhecêra
Quem o havia cá dançar;
De gosto mesmo morrera
Sem poder nunca chegar.

Ai rum rum
Vence fandangos e gigas
A chulice do Lundum.

Quem me havia de dizer
Mas a cousa he verdadeira;
Que Lisboa produzio
Huma linda Brasileira.

Ai belleza
As outras são pela patria
Esta pela Natureza.

Tomára que visse a gente
Como nhanhá dança aqui;
Talvez que o seu coração
Tivesse mestre da li.

Ai companheiro
Não será ou sim será
O geitinho he Brasileiro.

Huns olhos assim voltados
Cabeça inclinada assim,
Os passinhos assim dados
Que vem entender com mim.

Ai affecto
Lundum entendeo com eu
A gente esta bem quieto.

Hum lavar em seco a roupa
Hum saltinho cahe não cahe ;
O coração Brasileiro
A seus pés cahindo vai.

Ai esperanças
He nas chulices di lá
Mas he de cá nas mudanças.

Este Lundum me dá vida
Quando o vejo assim dançar ;
Mas temo se continúa
Que Lundum me ha de matar.

Ai lembrança
Amor me trouxe o Lundum
Para metter-me na dança.

Nhanhá faz hum pé de banco
Com seus quindins, seus popôs,
Tinha lançado os seus laços
Aperta assim mais os nós.

Oh ! doçura
As lobedas de nhanhá
Apertão minha ternura.

Logo que nhanhá sahio
Logo que nhanhá dançou,
O cravo que tinha ao peito
Envergonhado murchou.

Ai que peito
Se quizer flores bem novas
Aqui tem Amor perfeito.

Pois segue as danças di lá
Os di lá deve querer;
E se tem di lá melindres
Nunca tenha malmequer,

Ai delirio
Ella semêa saudades
De encherto no meu martyrio.

VIOLA DE LERENO.

Vol. II.

Num. 3.

Choro contínuo.

CANTIGAS.

AMOR tu podeste
Meus dias mudar,
Depois que te sirvo
Eu vivo a chorar.

Segredo e alegria
Em vão quero achar,
Com sustos com mágoas
Eu vivo a chorar.

VOL. II.

E

Da chossa e do gado
Não sei já cuidar,
Dê tudo esquecido
Eu vivo a chorar.

Os meus pobres campos
Não cuido em lavrar,
Sobre os seus abrolhos
Eu vivo a chorar.

Vai pobre regato
Meu pranto augmentar,
Sobre as suas margens
Eu vivo a chorar.

Vem tempo em que as aves
Costumão cantar,
Eu não as escuto
Eu vivo a chorar.

Vem lobo esfaimado
Meu gado roubar,
Eu nunca lhe acudo
Eu vivo a chorar.

Chorando me deixão
E tornão a achar,
A noite e o dia
Eu vivo a chorar.

Não sei já meus olhos
Ao pranto cerrar,
Em mágoa perenne
Eu vivo a chorar.

Vem tristes fantasmas
Meu somno turbar,
E ainda sonhando
Eu vivo a chorar.

E não te condões
De tanto pezar!
Por ti Amor fero
Eu vivo a chorar.

Ao menos hum dia
Me vem consolar,
E paga-me o tempo
Que vivo a chorar.

Aviso ás Saudadosas.

C A N T I G A S.

TRISTES bellas que saudosas
Desgrenhaes lindos cabellos,
E choraes c' os olhos bellos
Doce bem que se ausentou.

ESTRIBILHO.

Não pagueis a tanto preço
Lisongeiros vãos signaes,
Que talvez não lembre mais
Falso Amor que se jurou.

Esse pranto afflicto pranto
Ao momento da partida,
He saudade já sabida
Que mil vezes se estudou.

A ternura se evapora
Nos soluços e nos ais,
E depois não lembra mais
Falso Amor que se jurou.

Ao momento q' em seus olhos
Falsas lagrimas parárão,
Logo em outro se alegrárão
Outra vista os consolou.

Torna a pôr em uso as artes
Que depressa acreditaís,
E depois não lembra mais
Falso Amor que se jurou.

Para prova de firmeza
E signal de que he constante,
Diz que foi leal amante
Que por vós muito chorou.

Talvez diz que se lhe muda
He depois que vós mudais,
E depois não lembra mais
Falso Amor que se jurou.

Nova fé e Amor promette
Como prometter lhe ouvistes,
Horas doces, e horas tristes
Vai passar como passou.

Dalli quando se despede
As tristezas são iguaes,
E depois não lembra mais
Falso Amor que se jurou.

Os impulsos da paixão.

CANTIGAS DE IMPROVISO.

SINTO neste frouxo peito
Agitar-se o coração,
Tanto podem, podem tanto
Os impulsos da paixão.

Força occulta me desliga
Das cadeias da razão,
E deixa que sejam livres
Os impulsos da paixão.

Se tu cuidas que eu te minto
Põe sobre o meu peito a mão,
E sentirás nos seus baques
Os impulsos da paixão.

A teus olhos meigos olhos
Que dizem ou sim ou não,
Eú bem sinto regular-se
Os impulsos da paixão.

Tu senhora da minha alma
Que reges meu coração,
Ou enfreias ou desatas
Os impulsos da paixão.

Eu sou já o teu cativo
E gosto da escravidão,
Como senhora governas
Os impulsos da paixão.

Nenhum outro tem poder
Ninguém outro póde não,
Empecer-me ou impedir-me
Os impulsos da paixão.

Nem podia a mesma morte
Alçando a fouce na mão,
C' o terror embaraçar-me
Os impulsos da paixão.

Eu da horrida doença
E das dôres na punção,
Confesso que não retive
Os impulsos da paixão.

Em quanto o Ceo me dá vida
Toda está na tua mão,
Tu a reges, como reges
Os impulsos da paixão.

Temo que inda sobterrado
Debaixo do frio chão,
Se alli chegas que despertes
Os impulsos da paixão.

Amor velando os meus restos,
Que leve pó já serão,
Mostrará a quanto chegão
Os impulsos da paixão.

SUSTOS DO CORAÇÃO.

SINTO em mim varios effeitos
Ha bem pouco para cá,
E o meu coração no peito
Está fazendo ta, ta, ta.

Eu não sei o quelle sente
Que tamanhos pulos dá,
Só sei que sempre inquieto
Está fazendo ta, ta, ta.

Meu coração escapou
D' Amor ás cadeias já,
E talvez com medo d'outras
Está fazendo ta, ta, ta.

Inda de antigas feridas
Vertendo algum sangue está,
E para fugir das setas
Bate as azas tá, tá, tá.

Sinto a força de Cupido,
E as pancadas que alli dá
O martello de ciume
Está batendo tá, tá, tá.

Pobre do meu coração
Que Amor despedaçou já,
Hum pedaço, e outro pedaço
Vai cahindo tá, tá, tá.

Asseverações baldadas.

POR mais que me diga
Que pouco me crê,
Eu digo o que sinto
Morro por você.

RESPOSTA.

Morra embora.

As minhas palavras
São dignas de fé,
Basta q' eu lhe diga
Morro por você.

Morra &c.

(13)

Você d'Amor mata
A todo o que a vê,
E eu porque a vi
Morro por você.

Morra &c.

Você dá em todos
Com o bico do pé,
E assim machucado
Morro por você.

Morra &c.

No mar dos desejos
Já não tomo pé,
E mesmo ao som d'agua
Morro por você.

Morra &c.

Amor não promete
Q' eu tenha maré,
Sem chegar ao porto
Morro por você.

Morra &c.

Do que os mais lhe dizem
Pouco se lhe dê,
Creia o que lhe digo
Morro por você.

Morra &c.

Em não digo tudo
Por mor de quem vê,
Mas cá em segredo
Morro por você.

Morra &c.

Desta minha morte
Você causa he,
Só você me mata
Morro por você.

Morra &c.

O INFELIZ.

CHAMÃO-ME ingrato
Mente o que o diz ,
Não o sei ser
Nem nunca eu quiz.

Sabe o que sou ?
Sou infeliz.

Negras lisonjas
Mentiras vís ,
Não sei dize-las
Nem nunca eu quiz.
Sabe &c.

Usar de enganos
Traças subteis,
Não he meu genio
Nem nunca eu quiz.
Sabe &c.

Se Arminda he varia
Diz , e desdiz ,
Tomar-lhe a moda
Nunca eu tal quiz.
Sabe &c.

Quiz merece-la
Quiz ser feliz ,
Mas constrange-la
Nunca eu tal quiz.
Sabe &c.

Só de adora-la
Me satisfiz ,
Premio forçado
Nunca eu tal quiz.
Sabe &c.

(17)

Ella deixou-me,
Seu modo o diz,
Eu não a deixo
Nunca eu tal quiz.
Sabe &c.

Forças, e manhas do Amor.

AMOR he fogo
Que o mundo abrasa,
Destróe arrasa
Quanto elle quer.

Palacios, choças
De hum modo queima,
Quando elle teima
Mostra poder.

Corações duros
Vence aflagando,
Com doce mando
Os faz render.

Amor ao fraco
Faz ser valente,
Transforma a gente
No qu' elle quer.

Ninguém lhe escapa,
Ninguém lhe foge,
Ninguém se arroje
Tanto a emprehender.

Pois quando crêmos
Ter-lhe escapado,
Atraídoado
Nos faz morrer.

Das suas forças
Eu não sabia,
Fiz zombaria
Do seu poder.

((19))

Porém vingou-se
O Deos vendado ,
Grilhão pezado
Me faz soffrer.

O industrial
Menino cego,
Meu socego
Me fez perder.

Trouxe o seu laço
No agrado envolto,
Vendo-me solto
Quiz-me prender.

Quiz ver cativa
Minha vontade,
Nem liberdade
Pode soffrer.

Já sou escravo ,
Já sou cativo,
Eu como vivo
Não sei dizer.

(20)

Em lindos olhos
Vejo escondido,
O Deos Cupido
Meu mal fazer.

Inda assim gosto
Do Deos frecheiro,
No cativoiro
Acho prazer.

Elle valeo-se
De Arminda bella,
E só com ella
Pode vencer.

Da mais formosa
Gentil pastora,
Escravo agora
Fiel serei.

D E S E J O S.

OH quem podéra dizer-te
Quanto sente o coração,
Sem que o respeito possesse
A voz em dura prisão.

Oh quem podéra dizer-te,
Oh quem mil vez, oh quem!

Tu não sabes o que seja
Ter Amor, nem guardar fé,
Oh quem podéra ensinar-te
Fé, e Amor que cousa he.
Oh &c.

Tu fizeste no meu peito
Hum estrago que não crês,
Oh quem podéra mostrar-te
Este mal que tu não vês.
Oh &c.

Tu porque tens liberdade
Tratas tudo com rigor,
Oh quem podéra obrigar-te
Ao cativeiro de Amor.

Oh &c.

Tu zombas porque não soffres
De Amor o duro grilhão,
Oh quem podéra enlear-te
Na sua eterna prizão.

Oh quem podéra enlear-te,
Oh &c.

Quem mil corações tivera
Que empregar em teu Amor,
Que hum he pouco, e já não póde
Soffrer mais tanto rigor.

Quem mil corações tivera,
Oh quem os tivera quem.

Desprezo da maledicencia.

DEPOIS que eu te quero bem,
Deo o mundo em murmurar;
Porém que lhe hei de eu fazer?
He mundo deixa fallar.

Não te enfades menina
Deixa o mundo fallar.

Sabes porque falla o mundo,
He só por nos invejar;
Elle tem odio aos ditosos,
He mundo deixa fallar.

Não &c.

As loucas vozes do mundo
Tu não deves escutar,
Pois que sem razão murmura,
He mundo deixa fallar.

Não &c.

Ouve só a quem te adora,
Que anda por ti a bradar;
Dos outros não faças caso,
He mundo deixa fallar.

Não &c.

Menina, vamos amando,
Que não he culpa o amar;
O mundo ralha de tudo,
He mundo deixa fallar.

Não &c.

Que fazem nossos amores
Para o mundo murmurar?
He máo costume do mundo,
He mundo deixa fallar.

Não &c.

Sempre todos me hão de vêr
Por meu bem a suspirar;
Se disto fallar o mundo,
He mundo deixa fallar.

Não &c.

Ah meu bem não pertendamos
Do povo a boca tapar;
Bem sabes que o povo he mundo,
He mundo deixa fallar.

Não &c.

D E S P E D I D A .

ESCUTA oh valle
Suspiros meus,
Vê que eu te digo
Adeos, adeos.

Do roto seio
Dos montes teus,
Repita o éco
Adeos, adeos.

As mãos, e os olhos
Erguendo aos Ceos,
Saudoso exclamo.
Adeos, adeos.

Tu viste hum dia
Prazeres meus,
Já se acabarão
Adeos, adeos.

Paz, liberdade
Mimos dos Ceos,
Aqui vos deixo
Adeos, adeos.

Pois já me negas
Favores teus,
Ingrata Arminda
Adeos, adeos.

Tem a mentira
Novos troféos,
Pobre verdade
Adeos, adeos.

Os vís amantes
Nos braços seus,
A ingrata acceita
Adeos, adeos.

Rasguei do engano
Escuros véos,
Fujo de Arminda.
Adeos, adeos.

Vós desgraçados
Suspiros meus,
Ficai com ella
Adeos, adeos.

A ternura Brasileira.

C A N T I G A S.

Não posso negar , não posso ,
Não posso por mais que queira ,
Que o meu coração se abrasa
De ternura Brasileira.

Huma alma singella , e rude
Sempre foi mais verdadeira ,
A minha por isso he propria
De ternura Brasileira.

Lembra na ultima idade
A paixão lá da primeira ,
Tenho nos ultimos dias
A ternura Brasileira.

Vejo a carrancuda morte
Ameigar sua vizeira,
Por vêr que ao matar-me estraga
A ternura Brasileira.

Charonte que chega a barca,
E que me chama á carreira,
Vê que o batel vai curvando
Co' a ternura Brasileira.

Mal piso sobre os Elisios,
Outra sombra companheira
Chega, pasma, e não conhece
A ternura Brasileira.

Eu vejo a infeliz Rainha
Que morre em ampla fogueira,
Por não achar em Eneas
A ternura Brasileira.

Do mundo a ultima parte
Não tem frase lisongeira,
As tres que a tem não conhecem
A ternura Brasileira.

Do mundo a ultima parte
Foi sempre em amar primeira,
Póde ás tres servir de exemplo
A ternura Brasileira.

T E I M A.

A^H Nerina desdenhosa
Sempre dura ás leis d'amar,
Pois ostentas de dureza
Teimando te hei de abrandar.

Assim como gota a gota
Agua a pedra vai cavar,
Tambem eu com terço pranto
Teimando te hei de abrandar.

Se tu teimas em fugir-me
Eu teimo em te procurar,
Vencerei teima com teima,
Teimando te hei de abrandar.

Os suspiros que eu exhalo
Sempre a ti hão de chegar,
E á força de meus suspiros
Teimando te hei de abrandar.

Novo modo de finezas
Ind' Amor me ha de ensinar,
Quer tu queiras, quer não queiras
Teimando te hei de abrandar.

Não se compra a pouco preço
Hum bem raro, e singular,
Inda que me custe muito
Teimando te hei de abrandar.

A's industrias de hum amante
He difficil d'escapar,
Com as artes dos Amores
Teimando te hei de abrandar.

Ah Nerina graciosa
Vê que tudo hei de tentar,
E me diz Amor que hum dia
Teimando te hei de abrandar.

Sei que o tempo vence tudo,
No tempo hei de confiar,
Não perdendo nunca tempo
Teimando te hei de abrandar.

VIOLA DE LERENO.

Vol. II.

Num. 4.

JURAMENTO A NERINA.

FORMOSA Nerina
Jurei adorar-te,
Não hei de faltar-te
Nerina eu jurei.

Deixar-me bem podes
Sem causa que baste,
Que tu não juraste
Nerina eu jurei.

Meu bem não duvides
Da minha ternura,
Bem vês que fé pura
Nerina eu jurei.

Rendi por meu gosto
A livre vontade,
Não ter liberdade
Nerina eu jurei.

Se queres mais votos,
Eu vou renova-los,
Qu' illezos guarda-los
Nerina eu jurei.

De nunca mais dar-te
Motivo ao ciume,
De Amor sobre o lume
Nerina eu jurei.

Meu bem não te assustes
Da longa distancia,
Perpetua constancia
Nerina eu jurei.

Bem pouco m' importa
As mais da campina,
Amar só Nerina
Nerina eu jurei.

Debalde se empenhem
Industrias, e arte,
Que sempre adorar-te
Nerina eu jurei.

Ternuras, Amores,
Constancia e disvellos,
Por teus olhos bellos
Nerina eu jurei.

De nunca faltar-te
Meu bem ao respeito,
Pondo a mão no peito
Nerina eu jurei.

Sobre a mão mimosa
Impondo os meus dedos,
Eternos segredos
Nerina eu jurei.

Os montes visinhos
Ficarão soando,
C' os écos de quando
Nerina eu jurei.

Pararão suspensas
As aves nos ares,
Quando ante os altares
Nerina eu jurei.

O Téjo pasmado
Susteve a corrente,
Quando assim contente
Nerina eu jurei.

Meu bem não recuses
Que eu seja perjuro,
Não falto ao que juro
Nerina eu jurei.

Linguagem dos olhos.

SE queres saber, Nerina
O que tem meu coração,
Repára bem nos meus olhos
Os meus olhos to dirão.

Quando o perverso ciume
Lhe causar perturbação,
Verás perturbar-se a vista
Os meus olhos to dirão.

Quando eu sentir no meu peito
Alguna consolação,
Com hum volver brandamente
Os meus olhos to dirão.

Ao sentir as dôres tristes
Da triste separação,
Com as lagrimas pendentes
Os meus olhos to dirão.

Se o coração inquieto
Sentir nova inquietação,
Hé novo desasocego
Os meus olhos to dirão.

Não precisas que eu te faça
Co' a voz sincera expressão,
Os meus olhos tudo explicão
Os meus olhos to dirão.

Ou tenha doce alegria
Ou soffra amarga afflicção,
C' um volver ancioso, ou meigo
Os meus olhos to dirão.

Efeitos da Saudade.

Dos meus males o remedio
Ninguem sabe, e só eu sei,
Os meus males são saudades
Se me faltas morrerei.

Ah meu bem se te não vejo
De saudades morrerei.

Tanto á vista dos teus olhos
Os meus olhos costumei,
Que elles disse me sustentão
Se me faltas morrerei.

Ah &c.

Salamandra do seu fogo
Nelle só me nutrirei,
Duro em quanto dura a chama
Se me faltas morrerei.

Ah &c.

Mais algum outro remedio
Não procuro, nem terei,
Só tu és a minha vida
Se me faltas morrerei.

Ah &c.

Tanto a minha co' a tua alma
Por Amor eu misturei,
Que hê só huma, e tu a guardas
Se me faltas morrerei.

Ah &c.

Do momento de não vêr-te
O meu mal principiei,
Se elle muito continúa
Certamente morrerei.

Ah &c.

Talvez que eu me explique.

ESCUTA Nerina,
A voz da verdade,
A minha saudade
Eu quero dizer.

Eu quero pintar-te
Ternuras, Amores,
Suspiros, e dôres,
Mostrar se eu poder.

Talvez qu' eu não possa,
Talvez, talvez.

Attende ao retrato
Do qu' eu por ti sinto,
Que tudo o qu' eu pinto
He copia fiel.

Verás da saudade
O effeito violento,
Verás meu tormento
Em triste painel.
Talvez &c.

Fugirão contigo
Minhas alegrias,
Fugirão os dias
De gosto e prazer.

A dôr da saudade
Minh' alma destroça,
E eu temo que possa
Sem ti mais viver.
Talvez &c.

Huns sustos contínuos
Me agitam o peito,
E faz-me este effeito
Faltar-me o meu bem.

Teu triste Lerenó
Desmaia , em fim morrê ,
Se não o soccorre
Piedade d'alguem.
Talvez &c.

O proprio remedio
Da minha saudade ,
Eu fallo verdade
Nerina não sei.

Só póde mudar-me
O pezar em gosto
O vêr o teu rosto ,
E quando o verei ?
Talvez &c.

Será oh Nerina
Talvez muito tarde ,
E a luz que em mim arde
Vejo amortecer.

O lume da vida
Já sinto apagar-se,
Talvez conservar-se
Não possa mais ser.
Talvez &c.

Segredo baldado.

GENTIL Nerina
Teus olhos bellos,
De Amor e zellos,
Morto me tem.

Ser meus promettem
Faltão-me logo,
Sinto o seu fogo
N'outros arder.

Guardo segredo,
Não saiba alguém,
Porém qu' importa
Se todos vêm.

Occultar quero
De Amor o effeito,
Dentro do peito
Tudo conter.

Tu bem conheces
Quanto eu o encubro,
Que não descubro
Nada a ninguém.
Guardo &c.

Tu és Nerina
Gentil pastora,
Porém traidora
Tambem tu és.

O Ceo que unira
Ao gesto grato
Hum genio ingrato,
Meus males fez.
Guardo &c.

Que pouco importão
Lindos cabellos,
Os olhos bellos
E a côr que tens?

Que importa hum corpo
Raro e perfeito,
Se tens no peito
Alma cruel?

Guardo &c.

Fosse antes menos
Tal formosura,
Fosse mais pura
A alma, e fiel.

Huma belleza
Tyranna e injusta,
A' minha custa
Sei o que he.

Guardo &c.

Estuda a graça
De ser constante,
Se mais galante
Quizeres ser.

A variedade
No meu conceito,
He hum defeito
De aborrecer.
Guardo &c.

D U V I D A S.

NERINA em m' encontrando
Muda do gesto a côr,
Que sentimento he este?
Ah será isto Amor!

As vezes branda e meiga
A vista em mim vem pôr,
Mas vê-me olhar e foge,
Ah será isto Amor!

Reveste-se em me vendo
De orgulho encantador,
Quando me vou suspira,
Ah será isto Amor!

Se acaso de ternuras
Questões lhe vou propôr,
Nada responde, e olha,
Ah será isto Amor!

Se trago curioso
Do prado a linda flor,
Por tempos a conserva,
Ah será isto Amor!

Se vê que fallo a outra
A' outra tem rancor,
Ou volta a vista ou vai-se,
Ah será isto Amor!

Mil vezes me mistura
O agrado com rigor,
Ah! será isto hum brinco?
Ah será isto Amor!

Do coração das bellas
Dirão bellas melhor,
Por compaixão dizei-me
Ah será isto Amor?

O que he saudade.

VENHA cá senhor Cupido,
Falle huma vez a verdade,
Eu já sei o que he Amor,
Ora diga o que he saudade?

He o que sentes
No coração,
Póde sentir-se
Dizer-se não.

Cuidar que tenho no peito
Do coração só metade,
Este mal como se chama?
Ora diga o que he saudade?
He &c.

Esta louca impaciencia
N'huma e n'outra sociedade,
Desejar vêr quem não vejo,
Ora diga o que he saudade.
He &c.

Este fastio de tudo
Para nada ter vontade,
Só appetecer Nerina,
Ora diga o que he saudade.
He &c.

Este fugir dos prazeres
A' que alguém me persuade,
Rêcordar-me os que já tive,
Ora diga o que he saudade.
He &c.

Achar mais longos os dias,
Odiar a claridade,
Contar as horas da noite,
Ora diga o que he saudade.
He &c.

Cantar no campo o seu nome ,
Repeti-lo na cidade ,
Ter fernezi de lembrança ,
Ora diga o que he saudade.
He &c.

Vêr e ouvir mil Ninfas bellas ,
Sem que nenhuma me agrade ,
Desejar sómente a minha ,
Ora diga o que he saudade.
He &c.

Não o diz , senhor Cupido ,
Tem pouca sinceridade ,
Não importa que não diga ,
Qu' eu entendo que he saudade.

Perguntas a Nerina.

ORA dize-me Nerina
Que não ouve aqui ninguem;
Tu estimas tanta gente,
Mas qual delles amas? quem?

Dize Nerina
Dize meu bem,
Qual delles amas,
Dize-me quem?

Hei de dar ao mais ditoso
Invejado parabem;
Tu has de gostar de ouvi-lo,
Mas qual delles amas? quem?
Dize &c.

Os teus olhos engraçados
Mil favorecidos tem;
A muitos fazes favores,
Mas qual delles amas? quem?
Dize &c.

A alguns fazes teus desprezos,
A alguns trataes com desdem;
Mas qual delles aborreces?
Mas qual delles amas? quem?
Dize &c.

Huma sentença piedosa
Muitos em teus olhos têm;
Hum acerta os mais se enganão,
Mas qual delles amas? quem?
Dize &c.

Na grande amorosa turba
Entro c' os outros também;
Entro na conta dos outros,
Mas qual delles amas? quem?
Dize &c.

Que eu não sou o escolhido
Suspeito, e suspeito bem;
Invejo a sorte dos outros,
Mas qual delles amas? quem?
Dize &c.

Soffrer calando.

NERINA queixa-se
De que eu m' esqueço,
E eu bem conheço
Que he por brincar.

Não queira ella
Que nas desculpas,
Eu enfadado
Lhe mostre as culpas;
S' estou calado
Deixe-me estar.

Eu soffro, e calo-me
Não digo nada,
E ella ateimada
Em m' enraivar.
Não &c.

Embora ria-se
Do meu tormento,
Que o soffrimento
Me ha de vingar.
Não &c.

Nerina lembre-se
Que Amor me deve,
Se não se atreve
Tanto a negar.
Não &c.

Zombando nega-me
Os meus extremos,
Contas faremos
Tem que pagar.
Não &c.

Nerina julga-se
De culpa isempta,
Crimes inventa
Por me culpar.

Não &c.

Nerina creia-me
Por ella o juro,
Que Amor mais puro
Não ha de achar.

Não &c.

Em fim aposte-se
Sobre a constancia,
Não he jactancia
Hei de eu ganhar.

Não &c.

Coração palpitante.

AH Nerina ! Tu não sabes
Do meu peito a confusão ,
Nem o modo porqu' eu sinto
Palpitar-me o coração.

Põe sobre este afflicto peito
A linda e nevada mão ,
Sentirás cruel Nerina
Palpitar-me o coração.

Vê-se nos meus ternos olhos
A minha terna paixão ,
E até cuido se vê nelles
Palpitar-me o coração.

Tu Nerina és o motivo
Da minha inquietação,
E eu sinto por teu respeito
Palpitar-me o coração.

Quando os teus formosos olhos
A mim voltados estão,
Sinto então mais inquieto
Palpitar-me o coração.

Quando vejo nesses olhos
Algum signal d'afflicção,
Sinto d'improviso susto
Palpitar-me o coração.

Quando eu vejo alheia boca
Beijar-te a nevada mão,
Sinto a impulsos do ciúme
Palpitar-me o coração.

Se alguns favores supplico
E tu me dizes que não,
Sinto então mais desmaiado
Palpitar-me o coração.

Vejo as outras socegado
Sem sentir perturbação,
Mas sinto logo em te vendo
Palpitar-me o coração.

Não sentia antes de vêr-te
Esta doce commoção,
Fazes assustado e meigo
Palpitar-me o coração.

Pura fé assim te juro,
Terá sempre duração,
Em quanto eu sentir no peito
Palpitar-me o coração.

Choro eu, e a ingrata brinca.

Eu já tenho raiva a Amor
Que me faz assim andar,
Tu sem mim sempre brincando,
Eu sem ti sempre a chorar.

Vê tu que troca ,
Tu a brincar ,
Eu sempre afflicto ,
Sempre a chorar.

Quando foges dos meus olhos
Sinto-os de pranto banhar ,
Vejo-me na dura ausencia
Eu sem ti sempre a chorar.

Vê &c.

Vais doces alegres horas
Com outro alegre passar,
E fico em quanto te alegras
Eu sem ti sempre a chorar.
Vê &c.

Vais c' os olhos que me alegrão
Outros olhos alegrar,
E nem t' importa que fique
Eu sem ti sempre a chorar.
Vê &c.

Talvez pelo teu socego
Meu Amor queiras julgar,
Inda mal que me vêm todos
Eu sem ti sempre a chorar.
Vê &c.

Surge o dia dentre as ondas
Vai-se outra vez mergulhar,
Vejo-o vir, vejo-o esconder-se
Eu sem ti sempre a chorar.
Vê &c.

Ouço as aves namoradas,
Humas com outras cantar,
E ellas me vêm sempre triste
Eu sem ti sempre a chorar.

Vê &c.

Vem-me os alegres pastores
As tuas graças cantar,
Tu com elles divertida
Eu sem ti sempre a chorar.

Vê &c.

L U N D U M.

Gentes de bem pegou nelle.

C A N T I G A S.

AMOR, o travesso Amor
Fugia nusinho em pelle,
Cahe aqui, cahe acolá,
Gentes de bem pegou nelle.

O Amor fez travessuras,
A mãe quiz chegar-lhe á pelle,
Elle fugio coitadinho,
Gentes de bem pegou nelle.

Coitadinho! aonde irá?
Temo que alguém o atropelle,
Gentes de bem o accommoda,
Gentes de bem pegou nelle.

Já não tenha dó de Amor
Quem Amor mesmo assim zelle,
Está muito bem guardado,
Gentes de bem pegou nelle.

Onde está meu coração
Quiz unir-se a este e áquelle,
Mesmo no meio dos outros,
Gentes de bem pegou nelle.

Amor de que eu tinha dó
Faz qu' eu assim me arrepelle,
Hia levando-o roubado,
Gentes de bem pegou nelle.

Sahio-me o meu coração
Sem rasgar do peito a pelle,
Pelos olhos me sahio,
Gentes de bem pegou nelle.

VIOLA DE LERENO.

Vol. II.

Num. 5.

RETRATO DE TIRCE.

DA bella Tirce
Perfeições raras,
Com vozes claras
Quero cantar.
E quem não ha-de
Tirce adorar?

Traz enlaçados
Finos cabellos,
E os olhos bellos
São de matar.
E quem &c.

Amor nas faces
Trabalho teve,
Nácar e neve
Foi misturar.

E quem &c.

He sua boca
Partido cravo,
Em doce favo
Mel singular.

E quem &c.

Sobre columna
De neve pura,
Que se segura
De Amor no altar.

E quem &c.

No lindo seio
Cuja candura,
Huma alma pura
Mostra guardar.

E quem &c.

O airoso garbo
Do corpo todo,
Não tenho modo
Para o pintar.

E quem &c.

Inda não vira
Esta espeçura
Igual figura
Belleza igual.

E quem &c.

Em quanto houverem
Freixos sombrios,
Em quant' os ríos
Forem ao mar.

E quem &c.

Ha de ser Tirce
Sempre adorada,
Sempre cantada
Tirce será.

E quem &c.

Moribundo de Amor.

Não digo os meus males
Nem hei de dizer,
Mas mesmo em segredo
Me sinto morrer.

Procure o remedio
Quem ama o viver,
Qu' eu bem por meu gosto
Me sinto morrer.

Ha muito que afflicto
Não sei que he prazer,
E ás mãos da tristeza
Me sinto morrer.

Tentou minha sorte
Hum mixto fazer,
De Amor e ciume
Me sinto morrer.

Agourão-me muitos
Hum longo viver,
Mas eu pouco a pouco
Me sinto morrer.

Se a minha Nerina
Já morto me quer,
Seu gosto se cumpra
Eu quero morrer.

Eu sinto em meu peito
Ciumes arder,
Nerina os aviva
Eu quero morrer.

Se ainda hum instante
Me ouvira se quer,
Dissera-lhe o como
Eu quero morrer.

(6)

Se tanta dureza
Não posso vencer,
A morte he remedio
Eu quero morrer.

Se o modo de morte
Me dão a escolher,
Nos seus mesmos braços
Eu quero morrer.

*Doudice de Lereno retratando
Nerina.*

Ouvi a Lereno
Oh ternos pastores,
Que louco de Amores
Correndo a campina

Por sua Nerina
Sempre anda a bradar:
Nerina, Nerina,
Ah! vem escutar.

Já falla nas tranças
Já nos olhos bellos,
Já dos negros zellos
Co' a furia ferina
Por &c.

Quando vê no prado
As purpureas rosas,
Nas faces formosas
D' amada imagina.
Por &c,

Se os rubins encontra
Se as perlas luzentes,
Lhe lembrão os dentes
E a boca divina.
Por &c.

Quando a filomella
De hum ramo lhe canta,
Lhe lembra a garganta
Que solta a voz fina.
Por &c.

Se vê as espumãs
Da onda enrolada,
Lembra-lhe a nevada
Porção peregrina.
Por &c.

Quando o brando vento
Arbustos meneia,
Cuida que passeia
Seu bem na campina.

Por &c.

Se vê como a vide
C' o olmo s' enlaça,
Parece que abraça
A amada divina.

Por &c.

Por vê-la presente
Se afflige e trabalha,
E o seu nome entalha,
Na faia mais dina.

Por &c.

Em altos clamores
Publica seus males,
Nos profundos valles
E n'alta collina

Por &c.

Temei oh pastores
De Amor o veneno,
Que ao pobre Lereno
Tanto desatina,
Que só por &c.

Nem trata a lavoura
Nem guia o rebanho,
Neste mal tamanho
Os seus dias fina:
E só por &c.

Testamento de Lereño.

MORRE o triste Lereño,
De mal de Amor,
E dos bens que possue
Quer já dispôr.

Ah! sorte ingrata!
Morre o triste Lereño,
Nerina o mata.

Quer que o seu coração
Puro e perfeito,
Deposite Nerina
No niveo peito.
Ah! &c.

(12)

Ha de a turba de Amores
A compaña-lo,
E os ardentes desejos
Allumia-lo.

Ah! &c.

Ha de haver pela morte
Tristes signaes ,
De magoados suspiros
E tristes ais.

Ah! &c.

Deixa a sua memoria
A's que se esquecem ,
Dos males que por ellas
Outros padecem.

Ah! &c.

Seus suspiros ardentes
Manda espalhar ,
Entre mil que não sabem
Nem suspirar.

Ah! &c.

Os seus desejos puros
Manda que sejam ,
O legado daquelles
Que mal desejão.

Ah! &c.

Repartir pelas damas
Manda a ternura ,
Que não fique nenhuma
Cruel e dura,

Ah! &c.

E das suas finezas
Deixa huma norma ,
Para qu' outros as fação
Da mesma fórma.

Ah! &c.

Deixa para partir-se
A gratidão ,
Que he alfaia que muitos
Precisarão.

Ah! &c.

(14)

Deixa á mesma Nerina
Pelo matar,
O desejo que tinha
De mais a amar.

Ah! &c.

Assim morre Lereno
De mal de Amores,
Não vos esqueçais delle
Ternos pastores.

Ah! &c.

Despedida para sempre.

NERINA, a cruel Nerina
Cançou-se d'ouvir meus ais,
Não quero tambem cançar-me
Adeos para nunca mais.

Ella intenta confundir-me
C' os meus ditosos rivaes ,
Eu lhes deixo o campo livre
Adeos para nunca mais.

Cupido , falso Cupido
Destruidor dos mortaes ,
Já teus enganos conheço
Adeos para nunca mais.

Já não opprimem meus pulsos
Tuas algemas fataes ,
Quebrou-mas o desengano
Adeos para nunca mais.

Não has de vêr em meu rosto
Da minha dôr os signaes ,
Este o ultimo suspiro
Adeos para nunca mais.

Engana com vans promessas
Esses credulos mortaes ,
Qu' eu já vou desenganado
Adeos para nunca mais.

Assás aprendi de Arminda
Mas de Nerina inda mais,
Ensinárão-me a fugir-lhe
Adeos para nunca mais.

A' paz e á liberdade,
Virtudes celestiaes,
Voltei meus vindouros dias
Adeos para nunca mais.

FANFARRONADA.

CANTEI Nerina
Que inda cantais,
Mas foi zombando
E nada mais.

Tinha de falsa
Muitos signaes,
Quiz conhecê-la
E nada mais.

Fingi ciumes
Fingi rivaes,
Tudo foi brinco
E nada mais.

Ternos suspiros
Tristes ais,
Forão por farça
E nada mais.

Amor que fere
Tantos zagais,
Me divertia
E nada mais.

Já no meu gado
Nos meus curraes,
Tenho o cuidado
E nada mais.

Chorei as suas
Ancias mortais,
Por piedade
E nada mais.

Hoje aborreço
Aos que enganais,
Amei a verdade
E nada mais.

Vós prometteis
Ternos jurais,
Tudo são vozes
E nada mais.

Vós repetis
E protestais,
Mas tudo he teima
E nada mais.

De terno pranto
Se vos banhais,
He por costume
E nada mais.

Nada de Amores
Já me digais,
Qu'eu rio e zombo
E nada mais.

RETRATO DE NIZE.

NIZE formosa
Quem te não vê,
Não sabe ainda
Belleza o que he.

Não ha belleza
Como a que tens.

Pastoras lindas
Ha, qu' eu bem sei,
Mas quem te iguale
Nunca eu achei.

Não &c.

Louro cabelo
N'outras se vê,
E o teu tem mais.
Hum não sei que.
Não &c.

Dos lindos olhos
Qu' hei de eu dizer?
Por mais que diga
Pouco ha de ser.
Não &c.

Das suas luzes
Copia fiel
Não pode dar-lhe
Todo o pincel.
Não &c.

As lindas faces
Hum côr tem,
Que humanas côres
Não pintão bem.
Não &c.

Doces palavras
Vós só podeis
Na linda boca
De Amor dar leis.

Não &c.

Pintar-te o peito
Vou a tremer,
Que essa pintura
Tem quê fazer.

Não &c.

Não, não o pinto
Haja o que houver,
Porque o respeito
Me faz não vêr.

Não &c.

Não sei pintar-te,
Nize bem vês
Prostrar-me absorto
Aos lindos pés.

Não &c.

Tintas grosseiras
Não te convém,
Não te retrato
Não pinto bem.
Não &c.

Linguagem do segredo,

FAÇAMOS nova linguagem
Nerina seja qual fôr,
Para explicar em segredo
Segredos do nosso Amor.

Haja cautella
Qu' eu tenho medo,
Não se descubra
Nosso segredo.

He preciso ter cautéla
No prompto mudar de côr,
Qu' essa mudança descobre
Segredos do nôsso Amor.

Haja &c.

Não mostre o turbado rosto
A confusão interior,
Nem inda ponha em suspeita
Segredos do nôsso Amor.

Haja &c.

Basta hum terno volver d'olhos
Sem applicação maior,
Qu' explicasse furtivamente
Segredos do nôsso Amor.

Haja &c.

Suspenda-se a ligeireza
D' hum suspiro voador,
Que solto faz que se entendão
Segredos do nôsso Amor.

Haja &c.

Tomemos hum tom galante,
Tom alegre e mofador,
Que explique como zombando
Segredos do nosso Amor.

Haja &c.

A occasião he mestra
E lhe ha de ensinar melhor,
O modo de se explicarem
Segredos do nosso Amor.

Haja &c.

Cautélla gentil Nerina
Não nos queiramos expôr,
Porque muita gente espreita
Segredos do nosso Amor.

Haja &c.

Não enganar.

QUEM quizer saber se eu amo
Repare em meus olhos bem,
Elles dizem quanto eu sinto
Não sou d'enganar ninguem.

Estes meus olhos declaram
Tudo quanto esta alma tem,
Inda bem que elles o dizem
Não sou d'enganar ninguem.

Não me canso com disfarces
Digo *Amor* se quero bem,
Seja aceito ou não aceito
Não sou d'enganar ninguem.

Eu me alegre com carinhos,
Eu m' enfado com desdem,
Mostro enfado, mostro gosto
Não sou d'enganar ninguém.

Sei que terno fingimento
A muito amante convém,
Mas não sei fingir paixões
Não sou d'enganar ninguém.

A minha gentil Nerina
Gosto della, he o meu bem,
Não posso gostar das outras
Não sou d'enganar ninguém.

Se a minha adorada ingrata
Der signaes de amar alguém,
Eu não quero Amores d'outrem
Não sou d'enganar ninguém.

Se ella não quer estimar-me
He seu gosto faz mui bem,
Mas não espere qu' eu soffra
Não sou d'enganar ninguém.

FELIZ SEREI.

Traducção ampliada.

TERNISSIMOS affectos
Cuida de conservar-me ,
Cuida meu bem de amar-me
No mais eu cuidarei.

Palpita-me no peito
O coração amante ,
E Amor a todo o instante
Diz qu' eu feliz serei.

Conserva huma fé pura
Qual tu me prometteste ,
O teu cuidado he este
No mais eu cuidarei.

Espero que a meus rogos
Se compadeça o fado,
E se eu fôr sempre amado
Então feliz serei.

Lembra-te o que jurastes
E o que eu ouvi attento,
Cumpre o teu juramento
No mais eu cuidarei.

Se tu não te esqueceres
Dos votos que fizeste,
Cumprindo o que disseste
Muito feliz serei.

Lembre-te qu' eu te entrego
A minha liberdade,
Guarda fidelidade
No mais eu cuidarei.

Não temas, não te assustes
De acasos, de successos,
Prosegue os teus excessos
Que inda feliz serei.

Contenta-te por ora
Do meu fiel protesto,
Deixa o temor funesto
No mais eu cuidarei.

Espero que se torne
A sorte mais piedosa,
Tu serás mais ditosa
Eu mais feliz serei.

Esperanças de alegria.

VEJO a Felino,
Filis e Arminda,
Marcia, Lorinda
Todos brincar,

Só eu padeço
Triste agonia,
Virá hum dia
De me alegrar!

Pastoras bellas
Ternos pastores,
Meigos Amores
Vão contentar.
Só &c.

Da bell' amada
Segue hum os passos,
E nos seus laços
Vai-se enlaçar.
Só &c.

Na linda face
A boca imprime,
Quem não faz crime
Do terno amar.
Só &c.

Bosques ditosos
Vós mui bem vistes,
Os que hião tristes
Ledos tornar.
Só &c.

Cara Nerina
Quant' os invejo,
Se assim os vejo
Juntos estar!
Só &c.

L U N D U M

DE CANTIGAS VAGAS.

NHANHA' eu digo a você
Diga-me você a mim,
Estou morrendo de Amor
Estará você assim.

ESTRIBILHO.

Diga nhanhá
Serei feliz?
Eu tenho dito
Você que diz?

A's vezes não pode a boca
Tudo o qu' eu sinto dizer,
Ponho o coração nos olhos
Pode alli nhanhá vir vêr.

Diga &c.

Ponha a mão sobre o meu peito
Porque as duvidas dissipe,
Sentirá meu coração
Como bate tipe , tipe.

Diga &c.

Não cuide nhanhá não cuide
Qu' elle seja pequenino ,
He mui grande, mas por medo
Bate assim de vagarinho.

Diga &c.

Se você quer anima-lo
Verá que bate mais forte ,
Qu' em você o consolando
Ha de bater d'outra sorte.

Diga &c.

VIOLA DE LERENO.

Vol. II.

Num. 6.

MAL SEM REMEDIO.

NERINA , cruel Nerina
Tem dó de minha afflicção,
Se tu não a remedêas
Já não tem remedio não.

Amor teve gesto e arte
De prender meu coração,
A seu sabor o atormenta
Já não tem remedio não.

VOL. II.

L

Eu appelo ao desengano
Mas he hum clamor em vão,
Nem desenganos me valem
Já não tem remedio não.

Lavrou de Amor o veneno
Dentro deste coração,
O meu mal he mal de morte
Já não tem remedio não.

Eu bem cuidei qu' escapava
De Amor á dura prisão,
Enganei-me estou cativo
Já não tem remedio não.

Tu podias se quizesse
Ser minha consolação,
Tu bem podes mas não queres
Já não tem remedio não.

Desgosto sobre desgosto
Afflicção sobre afflicção,
Tem-me consumido a vida
Já não tem remedio não.

Nós meus olhos moribundos
Mostro a força da paixão,
E este triste abatimento
Já não tem remédio não.

O ser mulher faz temer.

O MEU bem tem tantas prendas
Quantas há que appetecer,
Estou mais que satisfeito
Mas em fim sempre he mulher.

Por discreta e por formosa
Tem muito que ouvir e vêr,
Tem mais e mais que se admire
Mas em fim sempre he mulher.

O seu Amor não tem preço
Não põe termo a seu querer ,
A sua constancia he rara
Mas em fim sempre he mulher.

Deo-me hum dia hum certo abraço
Em penhor do seu querer ,
Infallivel segurança
Mas em fim sempre he mulher.

Voltar-se o mundo he mais facil
E inda a fria zona arder ,
Que o meu bem mudar d' affecto
Mas em fim sempre he mulher.

He tal a nossa amisade
Que hum deseja o que outro quer ,
As vontades se adivinhão
Mas em fim sempre he mulher.

Nesta amorosa porfia
Qual de nós ha de vencer ?
Eu em fim sempre sou homem
Ella em fim sempre he mulher.

Semsaboria de Amor.

Eu vivia divertido
Antes de entregar-me a Amor,
Mas elle me tornou triste
E me fez mui semsabor.

Depois que eu vivo
Sugeito a Amor,
Vivo mui triste
Mui semsabor.

Nerina que diz que he minha
Sei que tem outro senhor,
Não posso gostar do engano
E fiquei mui semsabor.
Depois &c.

(6)

Vejo fingidos agrados
E ás vezes tambem rigor ,
Estas paixões mentirosas
Me tem feito semsabor.

Depois &c.

Eu vejo a falsa Nerina
A's vezes mudar de côr ,
Cuido que he Amor, e he raiva
Fico então mui semsabor.

Depois, &c.

Se chorando a chamo ingrata
Vai de mal para peor,
Dobra o crime em vez da emenda
E me deixa semsabor.

Depois &c.

Eu sinto dentro em meu peito
De Amor puro intenso ardor,
E ella fria como neve
Faz-me ficar semsabor.

Depois &c.

RETRATO DO MEU BEM.

Pois que o lindo original
Meus tristes olhos não vêm,
Quero ao menos consolar-me
C' o retrato do meu bem.

Mas quem ha de retrata-la?
Quem se atreve a tanto quem?
Quem ha que possa pintar
As perfeições do meu bem.

Pinte a minha fantezia
Só a ella isso convém,
Qu' ella sempre anda occupada
Nas idéas do meu bem.

As suas formosas tranças
Se tão linda graça tem,
He que as graças enfeitarão
Os cabellos do meu bem.

Os olhos da minha amada
Cativão quantos os vêm,
Ninguem fica em liberdade
Vendo os olhos do meu bem.

As faces as lindas faces
Em que neve e rosas tem,
São mimos da natureza
Que se apurou no meu bem.

Por entre hum rubim partido
As perolas todos vêm,
Que adornão a graciosa
Linda boca do meu bem.

Quem verá seu niveo seio
Sem sentir Amores quem?
Se os Amores se recolhem
Entre o seio do meu bem.

Ah! ninguém se chegue a elle
Que hum fatal encanto tem,
Parece neve e tem fogo
Com que me abrasa o meu bem.

Não posso dizer do mais
Que nunca os meus olhos vêm,
Que digão só meus desejos
O que suppõe no meu bem.

Outra assim tão linda e bella
Todo este campo não tem,
Nem que possa comparar-se
Com as bellezas do meu bem.

Não quero dizer o nome
Que dize-lo não convém,
Basta só que este segredo
Saiba-o eu, saiba-o o meu bem.

Merecimento d'Amor, Amor.

Meu bem para conseguir
De ti tudo quanto intento,
Basta-me sómente amar-te
Que Amor he merecimento.

Eu não disputo c' os outros
Riquezas nem nascimento,
Mas mereço mais que todos
Se Amor he merecimento.

Se queres amante rico
Farta esse genio avarento,
Mas hum amante assim firme
He de mais merecimento.

Não cuides tu qu' eu me gabo
Porque tenho algum talento,
Offreço-te hum Amor puro
Este he meu merecimento.

Depois que vi os teus olhos
Perdi meu entendimento,
Mas esta mesma loucura
He maior merecimento.

Por mais e mais que me faças
Eu queixar-me não intento,
Que padecer e calar
He grande merecimento.

Não cuides que o qu' eu te digo
São patranhas qu' eu invento,
He tudo pura verdade
E tem seu merecimento.

Has de vêr-te rodeada
De amantes a cento e cento,
Mas se tem menos Amor
Tem menos merecimento.

Tu accendeste em minha alma
Doce fogo, occulto, e lento,
Foi crescendo a minha chama
Crescendo o merecimento.

Tu bem vês que os meus suspiros
Voão nas azas do vento,
Vê que o saber suspirar
Tambem he merecimento.

Vê cruel este meu rosto
Descórado e macelento,
Morro em fim, mas esta morte
Faz o meu merecimento.

Deo-te o Ceo immensas graças
E foi comigo avarento,
Deo-me hum puro honesto Amor
Que he o meu merecimento.

Olhos socios do segredo.

LINDOS olhos engraçados
Lindos olhos do meu bem ,
Todos vêm qu' eu de Amor morro
E só vós sabeis por quem.

A ternura da minh' alma
Muitos em meus olhos lêem ,
Muitos sabem qu' eu me inflamo
E só vós sabeis por quem.

Assim vós olhos não fosseis
Cheios de tanto desdem ,
Todos ouyem qu' eu suspiro
E só vós sabeis por quem.

A alegria repentina
Que ao vêr-vos meus olhos tem,
Todos errão por quem seja
E só vós sabeis por quem.

Assim como me alegrais
Vós m' entristeceis também,
Vem-me alegre, vem-me triste
E só vós sabeis por quem.

A' illustre Amarina.

CORREI ás margens do Téjo,
Gentis Ninfas e pastores,
Que tem o Deos dos Amores
Novo assumpto que vos dar.

Amarina , Amarina
Amor nos manda cantar.

Quer que sôe alegremente
Nossa voz nesta campina ,
E que o nome de Amarina
Ouça o Ceo , a terra , o mar.
Amarina , &c.

O seu coração illustre
De fortes laços cingido ,
Faz que esteja o Deos Cupido
Vaidoso de triunfar.
Amarina , &c.

Das suas setas ervadas
Não a fere o golpe rude ,
Só hum raio de virtude
Poude o seu peito abrandar.
Amarina , &c.

Diz que de seus olhos bellos
A pura chama tirára ,
Com que hum pastor abrasára
Que já vemos suspirar.
Amarina , &c.

Não são enganosos laços
Que os corações lhe envolverão,
As virtudes lhes tecerão
Prisão nova e singular.

Amarina, &c.

Depois de louvar as graças
Da sua gentil figura,
Mostra d'alma a formosura
Mais digna de se louvar.

Amarina, &c.

Fez vêr a seus pés prostrado
O que as idades consome,
De voz em voz o seu nome
Faz sempre e sempre soar.

Amarina, &c.

A' FORMOSA ARMANIA.

EM quanto a desgraça
Meus dias enluta ,
Armania escuta
Hum triste pastor.

Armania , Armania
Escuta , escuta
Hum triste pastor.

Tu soffres os tristes
Armania adorada ,
A ti não te enfada
De hum triste o clamor.
Armania , &c.

Ah! soffre que eu diga
Minhas desventuras,
Que não são ternuras
Nem queixas de Amor.

Armania , &c.

A choça , a cabana
Os campos e o gado ,
Tudo isso o meu fado
Cruel me levou.

Armania , &c.

Alheias campinas
Eu corro vagando ,
Assim mendigando
Alheio favor.

Armania , &c.

O campo que vira
Teu primeiro dia ,
Vio minha alegria
Que já se acabou.

Armania , &c.

Contra mim raivoso
O fado mesquinho,
Da sorte o caminho
Bem me embarçou.

Armania , &c.

Ao longe os prazeres
Eu vejo voando,
E vou-me arrastando
De mal em peor.

Armania , &c.

Venturas sônhadas
He tudo o qu' eu vejo,
Nas margens do Têjo
Mendigo pastor.

Armania , &c.

Já roto o ornato
Faltando o sustento,
O fado cruento
Assim me tornou.

Armania , &c.

As portas se fechão
Qu' eu busco mendigo ,
Negou-me o abrigo
Do Téjo o maior.

Armania , &c.

Em vão eu forcejo
Armania não posso ,
Causar meu destroço
O fado apostou.

Armania , &c.

Se tu me não vales
Na extrema desgraça ,
Por muito qu' eu faça
Não fico melhor.

Armania , &c.

O desgraçado.

TIVE a fortuna
Junto ao meu lado,
Porém deixou-me
Sou desgraçado.

Eu era hum dia
Afortunado,
Mudou-se a sorte
Sou desgraçado.

A extravagancia
He do meu fado,
Por seu caprixo
Sou desgraçado.

Não tenho choças
Não tenho gado,
Vivo mendigo
Sou desgraçado.

Sou a desgraças
Tão costumado,
Que sem que o sinta
Sou desgraçado.

Mudo de vida
Mudo d'estado,
E n'um e n'outro
Sou desgraçado.

Não fui na patria
Afortunado,
Na estranha terra
Sou desgraçado.

Em mim se vinga
O Ceo irado,
Soffro o castigo
Sou desgraçado.

O perseguido : Endeixas.

Não te compadeces
Dos meus tristes ais,
Ah! cruél fortuna
Inda queres mais.

Tiras-me violenta
D'entre os naturaes
Poem-me em terra estranha
Inda queres mais.

Pões-me em pobre choça
Levas-me os casaes,
Tiras-me o meu gado
Inda queres mais.

Vejo á minha vista
Outro em meus curraes ,
Soffro-o com paciencia
Inda queres mais.

Fazes que me humilhe
Inda aos meus iguaes ,
Isto não te basta
Inda queres mais.

Nem em paz me deixas
Os meus tristes pais ,
Que mais bem me resta ?
Inda queres mais.

Já sinto em meu peito
As ancias mortaes ,
Ah ! cruel fortuna
E inda queres mais.

Raivas de Lucinda.

Tu tens raiva dos teus olhos
Lucinda não tens razão,
Porque os teus olhos merecem
Muito Amor, mas raivas não.

Raivas Lucinda

Ah! isso não.

Tenhão elles, ou não tenham
D'outros olhos compaixão,
De toda a sorte me causão
Muito Amor, mas raivas não.

Raivas &c.

Ser ou não do teu agrado
Não está na minha mão,
O que está, he sempre ter-te
Muito Amor, mas raivas não.
Raivas &c.

Os teus olhos dão ás vezes
De sisudos a lição,
Antes seja o seu defeito
Muito Amor, mas raivas não.
Raivas &c.

Eu não sei meus tristes olhos
Se dão raiva, se não dão,
Porém sei que elles só querem
Muito Amor, mas raivas não.
Raivas &c.

Talvez cruel te enraiveça
Minha constante paixão,
Vê que he premio da constancia
Muito Amor, mas raivas não.
Raivas &c.

Inda que quando eu supplico
Sempre dizes não e não,
Inda assim sinto no peito
Muito Amor, mas raivas não.
Raivas &c.

Se te enfadas c' os teus olhos
Por mostrar-me ingratição,
São fieis e antes lhes debes
Muito Amor, mas raivas não.
Raivas &c.

Todos os que vêm teus olhos
São da minha opinião,
Teus lindos olhos merecem
Muito Amor, mas raivas não.
Raivas &c.

A N A R D A.

POR perder a companhia
De Anarda gentil pastora,
Toda a gente desta aldeia
Soluça , suspira , e chora.
Soluça , suspira , e chora
Que Anarda se vai embora.

A choça em que habita Anarda
Com ella a alegria mora ,
Mas fica nella a tristeza
Que Anarda se vai embora.
Soluça , &c.

Já não surge no horisonte
Alegre a vermelha aurora ,
Tem razão de fugir triste
Que Anarda se vai embora.
Soluça , &c.

O Sol escondendo os raios
O claro dia não cõra ,
Veste as côres da tristeza
Que Anarda se vai embora.
Soluça , &c.

Com as tranças gotejantes
Sahem as Tagides fóra ,
E vem perguntar afflitas
Se Anarda se vai embora.
Soluça , &c.

Já não hei de ornar a fronte
C' os mimos da Deosa Flora ,
Hei de orna-la de cypreste
Que Anarda se vai embora.
Soluça , &c.

Aviva côr d' alegria
Nos nossos rostos descóra ,
Assombra-nos a saudade
Que Anarda se vai embora.
Soluça , &c.

D A N S A.

VINDE pastores
Ao Deos vendido,
Que vem ao prado
Rir e folgar.

R E S P O S T A.

Nós não queremos,
Bem conhecemos
Amor tyranno,
He todo engano,
Não , não nos queira
Mais perturbar.

Doces venturas
Vos offerece,
Mil gostos tece
Para vos dar.

Nós &c.

Não traz o arco
Não traz a aljava,
Setas não crava
Não quer matar.

Nós &c.

Se traz Marília
Formosa e bella,
Ireis traz della
A suspirar.

Nós &c.

Acompanhado
Da feiticeira,
Quanto elle queira
Ha de alcançar.

Nós &c.

Aos olhos della
Nada resiste,
Vós não a viste
He singular.

Nós &c.

Ide render-vos
Ao Deos de Amores,
Não são favores
De desprezar.

Nós &c.

Nescios pastores
Se Amor se enfada,
N' aldeia nada
Lhe ha de escapar.

Nós &c.

Em vão me canso
Oh! Deos de Amores,
Livres pastores
Fogem de amar.

Nós &c.

Mimos e gostos,
Bens e esperanças,
Vejo por dansas
Ledos trocar.

Nós &c.

VIOLA DE LERENO.

Vol. II.

Num. 7.

AMOR PERDIDO.

QUEM acharia
O Deos Cupido,
Que anda perdido
Ninguem o yê.

Busquem-no bem
Que eu dou de alviçaras
O meu vintem.

VOL. II.

N

Guardava-o dantes
Arminda bella ,
Hoje nem ella
Amor já tem.
Busquem-no &c.

Nos lindos olhos
Antes o via ,
Hoje onde iria
Cupido ter ?
Busquem-no &c.

Talvez da ingrata
Fugir quizesse ,
E a não podesse
Assim soffrer.
Busquem-no &c.

Se está de Arminda
Mal satisfeito ,
Torne a meu peito
Que he todo seu.
Busquem-no &c.

Fallo verdade
Tenho dó delle,
Porque anda em pelle
Frio ha de ter.

Busquem-no &c.

Mas não tem frio
Antes flameja,
Talvez esteja
Queimando alguém.

Busquem-nó &c.

Chamem por elle
Que logo acode,
E não se póde
Muito esconder.

Busquem-nó &c.

AI S DE CUPIDO.

VINDE ó Ninfas
Vêr o Deos Cupido ,
Tambem já rendido
Como nós mortaes.
Já dá suspiros
E tristes ais.

Vêde o pobre
Posto aos pés daquella,
Que ainda he mais bella
Que a divina mãe.
Já &c.

Vio Arminda
E ficou rendido,
Já sente Cupido
O meu mesmo mal.
Já &c.

Pobre Cupido
Já não nos atira,
Tambem já suspira
Chora como os mais.
Já &c.

Sente a força
Do abrasado lume,
Com que o ciume
Nos vem devorar.
Já &c.

Deixa o arco
Deixa a dura aljava,
Já setas não crava
Escuto-o chorar.
Já &c.

(6)

Fujão todos
Ninguem o soccorra,
He justo que morra,
Como quiz matar.
Já &c.

Gosto vê-lo
Prostrado e rendido,
Já sente Cupido,
Quanto custa amar.
Já &c.

As medrosas de Amor.

Não fujaes lindas pastoras
Das ternuras de Cupido,
Nem deve o Deos dos Amores
Ser por vós desattendido.

Vêde que elle vos procura
Carinhoso e enternecido,
Não fujaes lindas pastoras.

Elle não he tão tyranno
Como vos tem parecido ,
Diga-o eu que alguns favores
Feliz tenho conseguido.

Os prazeres e as doçuras
Reparte compadecido ,
Não fujaes lindas pastoras.

Os que dizem qu' elle mata
Certamente tem mentido ,
Porque muito bem gostoso
Por Amor tenho eu vivido.

Não tenhais temores delle
Que he creança anda despido,
Não fujaes lindas pastoras.

Não vos fação medo as setas
Nem o arco retrocido ,
Porque quando elle as despára
Gosta do golpe o ferido.

Não sabe a sua doçura
Só quem a não tem sentido ,
Não fujaes lindas pastoras.

Ah pastoras que se enfada
Por não ser obedecido ,
E manda o duro desprezo
Contra vós enfurecido.

Se fugires ás ternuras
Tudo, tudo está perdido ,
Não fujaes lindas pastoras.

Se quereis viver gostosas
Como nunca tendes sido,
Amai, porque anda o prazer
Por mãos de Amor repartido.

São maiores seus prazeres
Do que quantos tendes tido,
Não fujaes lindas pastoras
Das ternuras de Cupido.

A U S E N C I A .

Dos meus tristes olhos
Corra o triste pranto,
Sem cessar em quanto
Não vejo o meu bem.

Dos meus tristes olhos
Triste pranto corra,
Ninguem me socorra
Não chamo ninguém.

Pois da minha amada
Tão distante eu vivo,
De pranto o motivo
A minha alma tem.

Dos &c.

Dos meus tristes olhos
A amarga torrente,
Torne amarga a enchente
Do Téjo também.

Dos meus olhos tristes
A torrente amarga,
Faça ainda mais larga
A que o Téjo tem.

Pois não vêm meus olhos
Aquella que adoro,
Lagrimas que choro
Ide vêr meu bem.

Dos &c.

Dos meus tristes olhos
O pranto excessivo,
Torne compassivo
Quem Amor não tem.

Dos meus olhos tristes
O excessivo pranto,
Mostra a todos quanto
Custa o querer bem.

Sintão de huma ausência
O effeito tyranno;
Receiem o damno
Que em meus olhos vêm.

Dos &c.

Dos meus tristes olhos
Chorar he officio,
Nem outro exercicio
Aos tristes convém.

Dos meus tristes olhos
O officio he chorar,
Que este meu pesar
Alivio não tem.

Não vendo a quem amão
Elles não socegão,
Nem jámais se empregão
Nos olhos de alguem.
Dos &c.

(12)

Dos meus tristes olhos
A tristeza he justa ,
De quanto me assusta
He causa o meu bem.

Dos meus olhos tristes
He justa a tristeza ,
Na vaga incerteza
Do mal e do bem.

Tema o bem que adoro
Que a tyranna ausencia ,
Me roube a paciencia
E a vida tambem.

Dos &c.

DESESPERAÇÃO.

LERENO triste
De Arminda ausente,
Continuamente
Se ouve bradar.

Eu sem Arminda
Não posso estar.

As horas passam
E passa o dia ,
Minha agonia
Não quer passar.

Eu &c.

Eu nada cuido
Já da manada,
Só minha amada
Me faz cuidar.

Eu &c.

Pouco me importa
Vêr que esfaimado,
O lobo o gado
Me vem levar.

Eu &c.

Eu de mim mesmo
Ando tão fóra,
Que outros agora
Me hão de guiar.

Eu &c.

Faltão-me huns olhos
Dos meus o lume,
Sinto um negrume
Não vejo o ar.

Eu &c

Já me entristecem
Destros cantores,
Só meus Amores
Me hão de alegrar.
Eu &c.

O cruel golpe
Da dura ausencia,
Razão, paciencia
Fez esperar.

Eu &c.

Buscar Arminda
He já preciso,
E a vida, e o ciso
Me ha de tornar.

Eu &c.

C O N S E L H O S.

ESCUTAI pobres amantes
Hum amante experiente,
A mulher que diz que ama
Certamente mente, mente.

Porque os homens são sinceros
Quero dar esta lição,
Que ellas vão plantar o engano
Dentro do seu coração.

He hum gosto vêr a amada
Diante de muita gente,
Protestando ter fé pura
Certamente mente, mente.

Não creaes nunca em mulheres
Tudo he affectação,
Mostrão-vos o mel na boca
E tem fel no coração.

E se acaso o triste amante
Algum tempo esteve ausente,
Ella jura tem saudades
Certamente mente, mente.

São fingidas saudades
Fingidos suspiros são,
Porque nada sente o peito
Zomba disso o coração.

Se hum amante carinhoso
Lhe faz vêr Amor ardente,
Ella lhe prommette o premio
Certamente mente, mente.

Das promessas das mulheres
Tudo he falso, tudo he vão,
Falla a perfeita mentira
Dentro do seu coração.

Pois se o pobre falla a outra
Bem cortez e bem prudente ,
Ella finge ter ciume
Certamente mente, mente.

Eu conheço a quanto chega
A sua simulação,
Mostra o rosto ardendo em raiva
E tem frio o coração.

Se alguns homens ha traidores
Nem são homens , nem são gente,
Quem a estes chamar homens
Certamente mente, mente.

Todos aquelles que guardão
No peito negra traição,
Serão homens no feitio
Mulheres no coração.

RETRATO DE AMIRA.

SE as bellezas, virtudes e graças
Em verso se podem cantar e exprimir,
Vou cantar atractivos de Amira
Venhão escutar-me que ha muito
que ouvir.

Só se pode chamar venturoso
Quem tem a fortuna de a possuir.

Eu não digo que os louros cabellos
Aos raios de Phebo podem competir,
Que assim bellos quaes são não precisam
Para os seus louvores qu' eu queira
mentir.

Só &c.

Nem direi que são duas estrellas
Os olhos d'Amira , qu' eu sempre se-
gui,
Basta só que confesse a verdade
Que huns olhos tão lindos jámais
nunca eu vi.

Só &c.

Pouco faço se as faces comparo
Com purpurea rosa , com branco
jasmim ,
Que os jasmins misturados co' as
rosas

A côr animada não fazem assim.

Só &c.

Os Poetas que pintão as bocas
Com perolas dentro , por fóra rubim ,
Vejão beijos e dentes de Amira
Mais rico que tudo quanto ha para
mim.

Só &c.

Eu não sei o que vejo no seio
Quando elle respira mover-se e bolir,
He simpatico o seu movimento
Que faz os desejos aos olhos subir.
Só &c.

Não se encontra figura mais bella,
Nem corpo mais lindo , formoso e
gentil,
Se me prostro aos teus pés , e se os
beijo
Eu devo faze-lo mil vezes e mil.
Só &c.

ESQUECIMENTO.

GENTES que he isso?
Você não falla?
Porque se calla
Quando me vê?

Eu bem sabia
Qu' estando ausente,
Mui de repente
Hia esquecer.

Tantos agradados
Faltão agora,
Diga senhora?
Diga porque?
Eu &c.

Eu bem vi logo
Quando partia ,
Que assim havia
De succeder.

Eu &c.

Eu não lho disse ?
Não tem lembrança ?
Que esta mudança
Havia haver ?

Eu &c.

Seja mudavel
Seja traidora ,
Que em fim senhora
Sempre he mulher.

Eu &c.

Deste seu modo
Já não me espanto ,
E estou por quanto
Você quizer.

Eu &c.

A causa disso
Eu a adivinho,
O seu carinho
Já d'outrem he.
Eu &c.

Sei com quem goza
Seu passatempo,
Lá virá tempo,
Qu' eu lho direi.
Eu &c.

Dava-me o tempo
Por testemunha,
E o qu' eu suppunha
O tempo o vê.
Eu &c.

Por experiencia
Sei com certeza,
Não ha firmeza
Nunca em mulher.
Eu &c.

Protestos a Arminda.

C A N T I G A S.

CONHEÇO muitas pastoras
Que belleza e graças tem ;
Mas he huma só que eu amo
Só Arminda e mais ninguém.

Revolvão meu coração
Procurem meu peito bem ,
Verão estar dentro delle
Só Arminda e mais ninguém.

De tantas , quantas bellezas
Os meus ternos olhos vêm ,
Nenhuma outra me agrada
Só Arminda e mais ninguém.

Estes suspiros que eu solto
Vão buscar meu doce bem,
He causa dos meus suspiros
Só Arminda e mais ninguém.

Os segredos de meu peito
Guarda-los nelle convém,
Guarda-los aonde os veja
Só Arminda e mais ninguém.

Não cuidem que a mim me importa
Parecer ás outras bem,
Basta que de mim se agrade
Só Arminda e mais ninguém.

Não me alegra, ou me desgosta
D'outra o mimo, ou o desdem,
Satisfaz-me e me contenta
Só Arminda e mais ninguém.

Cantem os outros pastores
Outras pastoras tambem,
Qu' eu canto e cantarei sempre
Só Arminda e mais ninguém.

RETRATO DE AMIRA DO DOURO.

LOUVEMOS a ninfa
Que veio do Douro,
Capellas de louro
Lhe vamos compôr.

Ah qu' eu a vejo !
Das ninfas do Téjo
Nenhuma he melhor.

Pintemos as graças
Do lindo semblante ,
E a Fama lhe cante
Eterno louvor.

Ah &c.

Amira adornada
De graça e lindeza ,
Com que a natureza
Seus dons espalhou.

Ah &c.

Nos lindos cabellos
Tal graça diviso ,
Que não lhe he preciso
Nem fita , nem flor.

Ah &c.

Quem vê os seus olhos
Vê duas estrellas ,
Influe a luz dellas
Respeito e Amor.

Ah &c.

Tem a côr mais linda
Nas faces formosas ,
De jasmins e rosas
Que Amor misturou.

Ah &c.

(29 .)

Na boca engraçada
Seu ceo tem Cupido ,
Com rubim partido
Por fóra o fechou.

Até &c.

Morada graciosa
De honesto sorriso ,
Que quando he preciso
Se vê por favor.

Até &c.

Pintar-lhe as mais graças
Não posso nem quero ,
Eu fallo sincero
Sou tosco pintor.

Até &c.

O BICHO MULHER.

QUEM quizer ter seu descanso
Quem socego quizer ter,
Na densa mata do mundo
Fuja do bicho mulher.

Roe por dentro
Bem como a traça,
He quem motiva
Nossa desgraça.

Aquella menina
Que tem mais graça,
He essa quem causa
Maior desgraça.

Não temo leões nem tigres
Nem já os devo temer,
Depois de haver escapado
Ao lindo bicho mulher.

Roe &c.

Ouço scibilar serpentes
E não me fazem tremer,
Assusta-me o ruge ruge
Do lindo bicho mulher.

Roe &c.

Dizem que o cocodrilo
A's vezes finge gëmer,
Para matar assim finge
O lindo bicho mulher.

Roe &c.

Sinto dentro do meu peito
Não sei que cousa morder,
Dizem que isto he mordedura
Do lindo bicho mulher.

Roe &c.

Mas morder-me sem chegar-me
Isso não, não póde ser,
Ai de mim! morde co' a vista
O lindo bicho mulher.

Roe &c.

Lanço ao ar as carapuças
Dêem na cabeça a quem der,
O que digo he fujão todos
Do lindo bicho mulher.

Roe &c.

VIOLA DE LERENO.

Vol. II.

Num. 8.

SOFFRER POR GOSTO.

Todo o mundo está pasmado
De me vêr andar assim ,
Ando cumprindo o meu fado
Ninguém tenha dó de mim.

Estou prezo e mui bem prezo
Amor foi o meu malsim ,
Mas prisões d'Amor são doces
Ninguém tenha dó de mim.

Vol. II.

P

Já não tenho liberdade
Que rende-la a Amor eu vim ,
Sou cativo por meu gosto
Ninguem tenha dó de mim.

Todos chamão mal d'Amor
Mal perverso mal ruim ,
Eu padeço sem queixar-me
Ninguem tenha dó de mim.

Eu adoro a huma ingrata
Não ha genio mais ruim ,
Assim mesmo gosto della
Ninguem tenha dó de mim.

Tenho dito não importa
Que o meu bem me trate assim ,
Que esta vida toda he della
Ninguem tenha dó de mim.

Eu bem sinto a minha vida
Quasi posta já no fim ,
Mas morrer d'Amor me alegra
Ninguem tenha dó de mim.

SEGREDO RESPEITOSO.

Sou costumado a calar
E tanto póde o costume,
Que não me obriga a fallar
A razão , nem o ciúme.

Ai segredo!
Eu se occulto não se sabe
Mas se o digo tenho medo.

Quando o severo respeito
A triste voz me suspende ,
Outra lingua Amor tem feito
Que nos olhos bem se entende.

Ai querer!
Hum suave mudar d'olhos
Muita cousa quer dizer.

Tenho medo até de alçar
Olhos em certa presença,
Tenho medo dos meus olhos
Porque fallão sem licença.

Ai que medo!
Os meus olhos tem meninas
Meninas não tem segredo.

Quando vejo a minha bella
Sinto o peito palpitar,
Manda Amor, manda o respeito
Olhar eu e não olhar.

Ai segredo!
Eu se não olho não vejo
Mas se olho tenho medo.

Tanto as leis do meu segredo
Ao desaforo prefiro,
Que nem meus suspiros sabem
A causa porqu' eu suspiro.

Ai que medo!
Tenho medo que os suspiros
Dêem a saber meu segredo.

Hei de dar de certos olhos
Huma queréla por ladrões,
Que de formosura armados
Vão roubando corações.

Ai que graça !
A prisão destes culpados
Dentro em meu peito se faça.

Ai segredo !
Quero ser seu carcereiro
De que fujão tenho medo.

I M P A C I E N C I A .

ARMINDA cruel Arminda
Vem a consolar-me aqui ,
Qu' eu morro se te não vejo
Eu não posso estar sem ti.

Tu és a minha metade
Que a minha alma á tua uní,
Já sem ti viver não posso
Eu não posso estar sem ti.

O teu ao meu coração
Em laços d'Amor preendi,
Ninguem póde separa-los
Eu não posso estar sem ti.

Como queres que a saude
Possa recobrar aqui?
Se de saudades eu morro
Eu não posso estar sem ti.

São inuteis os remedios
Eu por experiencia o vi,
Sem te vêr nada aproveita
Eu não posso estar sem ti.

Por meu proprio soffrimento
D'ausencia os dias medi,
Acabou-se-me, e agora
Eu não posso estar sem ti.

Da minha paixão tão louca
Muita gente ha que se ri,
Rião elles muito embora
Eu não posso estar sem ti.

Arminda depois de vêr-te
Para as mais todas morri,
Tu só és a minha vida
Eu não posso estar sem ti.

A F F I R M A T I V A .

MENINA minha menina
Que tanta gracinha tem,
Deixe lá fallar quem falla
Só você he o meu bem.

Todos vêm o meu Amor
Todos minha paixão vêm,
Nem he preciso que o diga
Só você he o meu bem.

Se a frase do coração
Você já conhece bem,
Ouça que diz palpitando
Só você he o meu bem.

Régale-se o rico avaro
C' os immensos bens que tem ,
Eu outros bens não desejo
Só você he o meu bem.

Creia-me minha menina
Deixe as suspeitas que tem ,
E se he preciso eu lho juro
Só você he o meu bem.

Ponha a mão sobre esta minha
Jure o que eu jurar tambem ,
Eu por mim juro mil vezes
Só você he o meu bem.

Quem tem huns olhos tão lindos ?
Tão linda boca quem tem ?
Se você tem taes bellezas
Só você he o meu bem.

Nada me importão as graças
Que as outras meninas tem ,
As outras são bens dos outros
Só você he o meu bem.

Arminda escute hum segredo
Que não nos ouça ninguém,
Com as outras tudo he brinco
Só você he o meu bem.

BONDADES DE AMOR.

QUE triste vida
Triste eu passava,
Quando ignorava
O que era Amor!

Ai que he bem bom.

Falle mal delle
Hum offendido,
Qu' eu com Cupido
Mui bem me dou.
Ai &c.

Viver amando
E ser amado,
He o estado
Que ha melhor.

Ai &c.

Ter huma dama
Gentil, galante,
Que seja amante
Só de mim só.

Ai &c.

Estar com ella
Entre agradinhos,
Como os pombinhos
A dois e dois.

Ai &c.

Huma conversa
De passa-tempo,
Que a certo tempo
Muda de tom.

Ai &c.

Estar nos braços
Da linda dama,
Diga quem ama
Que tal achou.

Ai &c.

Não ha hum gosto
Que a este imite,
Não tem limite
He o maior.

Ai &c.

E quando a amada
De mim se aparta,
Eu leio a carta
Que ella mandou.

Ai &c.

Fallar a furto,
Olhar a medo,
Dizer segredo
Em baixa voz.

Ai &c.

(13)

Estar c' os olhos
Tudo dizendo ,
E os outros vendo
Sem o suppôr.
Ai &c.

Eu aconselho
Por varios modos ,
E tratem todos
De ter Amor.
Porque he bem bom.

Continuação de suspiros.

NERINA, cruel Nerina
Tu não queres escutar,
E eu teimoso continuo
Por ti sempre a suspirar.

C' os suspiros que eu exhalo
Se vai já toldando o ar,
Cansa-se a gente d'ouvir-me
Por ti sempre a suspirar.

Os alegres passarinhos
Tem novo tom de cantar,
Que aprendêrão só d'ouvir-me
Por ti sempre a suspirar.

Sahem das musgosas lapas
Os frios peixes do mar,
Vem ouvir-me sobre as ondas
Por ti sempre a suspirar.

Vês as rôxas lavaredas
Entre os ares estalar,
Assim estala o meu peito
Por ti sempre a suspirar.

Escuto os outros pastores
Ao som do rabil cantar,
E elles ha muito me escutão
Por ti sempre a suspirar.

Anda o meu perdido gado
Erradamente a balar,
E eu com elle giro errando
Por ti sempre a suspirar.

Por decreto do meu fado
Suspirando hei de espirar,
Consumindo a triste vida
Por ti sempre a suspirar.

Nerina , cruel Nerina
Depois do Lethes passar ,
Inda hão de ouvir-me os Elisios
Por ti sempre a suspirar.

D E S A B A F A R .

NINGUEM a mim me crimine
Por me ouvir assim queixar ,
Qu' eu fallo como offendido
Eu quero desabafar.

Inda quanto disse he pouco
Que he maior o meu pezar ,
E por não morrer de abafo
Eu quero desabafar.

De quantas me fez Arminda
Nas outras me hei de vingar ,
Hei de fallar mal de todas
Eu quero desabafar.

Sei que a pena suprimida
Costuma ás vezes matar ,
Não quero estalar de pena
Eu quero desabafar.

Quero chamar-lhes tyrannas
Traidoras quero chamar ,
Quero dizer o que sinto
Eu quero desabafar.

Sei que tudo o que promettem
He mesmo para faltar ,
Eu fallo de experimentado
Eu quero desabafar.

Sei que me ralhão por isto
Mas gosto de ouvir ralhar ,
Ralhem ellas muito embora
Eu quero desabafar.

(18)

Meu coração opprimido
Nem podia palpar,
Agora grito e dou vozes
Eu quero desabafar.

Bem parece que já basta
Tanto tempo de calar ,
Ao menos assim fallando
Eu quero desabafar.

P E R D ã O .

Eu fui aquelle que hum dia
Fallei com pouca attenção,
Hoje peço arrependido
Perdão senhoras , perdão.

Pelos meus tristes successos
Julguei vossa condição,
Mas já sei que me enganava
Perdão senhoras, perdão.

Se Arminda me foi traidora
As outras não o serão,
Eu fallei mal contra todas
Perdão senhoras, perdão.

Porque eu seja perdoado
Baste a minha confissão,
Vêde que humilde vos peço
Perdão senhoras, perdão.

Se ella me deixou por gosto
E gosto não tem razão,
Eu quíz emendar o mundo
Perdão senhoras, perdão.

Eu devia agradecer-lhe
De cautéla esta lição,
Mas gritei desesperado
Perdão senhoras, perdão.

Julguei pela ingrata Arminda
Das outras o coração,
Mas se o vosso he d'outra casta
Perdão senhoras , perdão.

T E N H Ã O D O'.

SE algum dia fui ditoso
Já hoje não sou assim,
Já não sou quem d'antes era
Tenhão todos dó de mim.

Com mudar-se a minha amada
Tambem me mudou assim,
Todos a chamem perjura
Tenhão todos dó de mim.

Ser amante e despresado
Não ha vida mais ruim ,
He isto o que me succede
Tenhão todos dó de mim.

De tão ditosas venturas
A tantas desgraças vim ,
Nas mudanças do meu fado
Tenhão todos dó de mim.

O meu bem quando eu lhe fallo
Não me diz , nem não , nem sim ,
Mata-me esta indiferença
Tenhão todos dó de mim.

Sinto dentro no meu peito
Dos ciumes o motim ,
Já perde todo o socego
Tenhão todos dó de mim.

Se a constancia he de estimar-se
E a leveza he mal ruim ,
Tenhão todos raiva della
Tenhão todos dó de mim.

Não se rião do meu fado
Nem de vêr-me andar assim,
Pode o mesmo succeder-lhes
Tenhão todos dó de mim.

MEDO DO PAPÃO.

AMOR nasce pequenino
Faz-se logo tamanhão,
Tamanho que mette medo
Tenho medo do papão.

Traz n'hũa mão o seu arco,
As setas na outra mão,
Tenho medo que me fira
Tenho medo do papão.

Põe nos olhos certo engodo
E na voz certa atracção,
Assim prende a pobre gente
Tenho medo do papão.

Inda me lembra algum dia
Que arrastei o seu grilhão,
Os signaes inda me dóem
Tenho medo do papão.

Amor faz-se rouxinol
Canta e papa coração
Não quero que o meu me pape
Tenho medo do papão.

IGNORANTE D' AMOR.

POR mais que a gente me falle
D' hum cégo destruidor,
Como Amor dizem se chama
Não conheço o que he Amor.

Dizem que entra dentro n'alma
A ser seu perturbador,
Eu tenho o peito em socego
Não conheço o que he Amor.

Dizem que he muito travesso
Sempre e sempre brincador,
Eu sempre estimei as véras
Não conheço o que he Amor.

Dizem rende a liberdade ,
A hum gesto encantador
Eu inda me sinto livre
Não conheço o que he Amor.

Dizem que a aljava traz cheia
De setas e he matador ,
Eu não sinto nenhum golpe
Não conheço o que he Amor.

Não quero seguir tal Nume
Eu sigo hum Nume melhor ,
Conheço a terna amisade
Não conheço o que he Amor.

AVISOS PRUDENTES.

ATTENDE á prudencia
Que leis te prescreve,
Amante bisonho
Não creias de leve.

Se a vista da moça
Em ti se deteve,
Favor não o julgues
Não creias de leve.

Se busca em passeio
Teu braço que a leve,
He commodidade
Não creias de leve.

Se toca os teus dedos
C' os dedos de neve,
Talvez he acaso
Não creias de leve.

Se fallas d'Amores
E nega que os teve,
Por pejo te engana
Não creias de leve.

Se hum pouco mais livre
Conversa manteve,
He moda d'agora
Não creias de leve.

Se ao ir despedir-te
Talvez te deteve,
He só cumprimento
Não creias de leve.

Fingir parentescos
Se falla ou se escreve,
São brincos do uso
Não creias de leve.

Se meigas ternuras
Faz mais do que deve,
Em muitas he genio
Não creias de leve.

Nas exterioridades
Amor nunca esteve,
Inquire as origens
Não creias de leve.

Fortuna de Amores
Ao modo se deve,
Nem percas por frôxo
Não creias de leve.

L E I L Ã O.

MANDOU-ME Amor que posesse
Em praça o meu coração,
Venhão meninas depressa
Que principia o leilão.

Tenho o coração em praça
Amor mo manda vender,
Arremata-o quem mais der.

Elle disse que valia
Certa somma de finezas,
Que era traste muito proprio
Para servir a bellezas.

Tenho &c.

Lançou-lhe huns olhos Nerina
Huns olhos que não tem preço,
Venhão outros se ha melhores
Se não a ella o offereço.

Tenho &c.

Não cuidem que tem Nerina
De graça o meu coração,
Dou-lho por seus olhos bellos
Venhão vê-los e verão.

Tenho &c.

He por preço de ternuras
Que o meu coração darei,
Quem mais faz mais o merece
Já o preço estipulei.

Tenho &c.

Eu recebo de Nerina
De ternura mil signaes,
Vou a dar-lhe o coração
Se não ha quem lance mais.

Tenho &c.

OUVE , VE E CALA.

A minha cruel Nerina
Não me quer Amor pagar,
Quer que eu possa assim soffrido
Ouvir e vêr e calar.

« Quer só ella livremente
Com os outros conversar;
E qu' eu esteja do outro lado
A ouvir , vêr e calar.

Ha de a seu sabor Nerina
Suas acções regular ,
Hei de eu inda que me offenda
Ouvir e vêr e calar.

Desarrezoados zellos
Hão de faze-la ralar,
Eu ainda que rebente
Ouvir e vêr e calar.

Ha de fugir do meu lado
Ir-se ao dos outros sentar,
E hei de ficar mui quieto
A ouvir, vêr e calar.

Ha de pelo braço d'outrem
Ir vaidosa passear,
E eu sem dar o braço a alguma
Ouvir e vêr e calar.

Quem me empresta soffrimento
Para a seu gosto empregar,
Já não tenho paciencia
De ouvir, vêr, e calar.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

Y

I N D I C E

DAS CANTIGAS DESTE SEGUNDO

VOLUME.

N U M E R O I.

N ão entendo o coração. Pag.	3
Sem acabar de morrer.	5
Marilia Brasileira nas Caldas .	7
Retrato de Lucinda.	9
Retrato da minha amada. . . .	12
Xarapim: Lundum de cantigas vagas.	15
Que mais quero eu	17
Guardar segredo	20
Retrato de Marilia	23
Outro	26
Ame se quer ser feliz	29
O seu moleque sou eu: Lundum.	31

N U M E R O II.

Retrato de Amalia	1
-----------------------------	---

VOL. II.

R

<i>Doçura de Amor</i>	5
<i>Outras para o mesmo estribilho</i> .	7
<i>Chuchar no dedo</i>	10
<i>Retrato de Anarda</i>	13
<i>Outro</i>	16
<i>Aqui está todo he teu : Lundum</i> .	18
<i>Meu bem está mal com eu</i> . .	21
<i>Retrato de Marcia</i>	24
<i>He bem feito torne a amar</i> . .	26
<i>Brasileira adoptiva</i>	29

N U M E R O I I I .

<i>Choro continuo</i>	1
<i>Aviso ás saudosas</i>	4
<i>Os impulsos da paixão</i>	7
<i>Sustos do coração</i>	10
<i>Asseverações baldadas</i>	12
<i>O infeliz</i>	15
<i>Forças e manhas do Amor</i> . .	17
<i>Desejos</i>	21
<i>Desprezo da maledicencia</i> . .	23
<i>Despedida</i>	25
<i>A Ternura Brasileira</i>	28
<i>Teima</i>	30

N U M E R O I V .

<i>Juramento a Nerina</i>	1
<i>Linguagem dos olhos</i>	5
<i>Effeitos da saudade</i>	7
<i>Talvez que eu me explique</i>	9
<i>Segredo baldado</i>	12
<i>Duvidas</i>	15
<i>O que he saudade</i>	17
<i>Perguntas a Nerina</i>	20
<i>Soffrer calando</i>	22
<i>Coração palpitante</i>	25
<i>Choro eu e a ingrata brinca.</i>	28
<i>Gentes de bem pegou nelle:</i>	
<i>Lundim.</i>	31

N U M E R O V .

<i>Retrato de Tirce</i>	1
<i>Moribundo de Amor</i>	4
<i>Doudice de Lereno retratando</i>	
<i>Nerina</i>	7
<i>Testamento de Lereno.</i>	11
<i>Despedida para sempre</i>	14
<i>Fanfarronada.</i>	16

<i>Retrato de Nize</i>	19
<i>Linguagem do segredo</i>	22
<i>Não enganar</i>	25
<i>Feliz serei : Traducção ampliada .</i>	27
<i>Esperanças de alegria</i>	29
<i>Você que diz : Lundum de can- tigas vagas</i>	31

N U M E R O VI.

<i>Mal sem remedio</i>	1
<i>O ser mulher faz temer</i>	3
<i>Semsaboria de Amor</i>	5
<i>Retrato do meu bem</i>	7
<i>Merecimento de Amor, Amor .</i>	10
<i>Olhos socios do segredo</i>	13
<i>A illustre Amarina</i>	14
<i>A formosa Armania</i>	17
<i>O Desgraçado</i>	21
<i>O Perseguido : Endeixas</i>	23
<i>Raivas de Lucinda</i>	25
<i>Anarda</i>	28
<i>Dança</i>	30

INDICE.

3

NUMERO VII.

<i>Amor perdido.</i>	1
<i>Ais de Cupido</i>	4
<i>A's medrosas de Amor</i>	7
<i>Ausencia</i>	9
<i>Desesperação</i>	13
<i>Conselhos</i>	16
<i>Retrato de Amira</i>	19
<i>Esquecimento</i>	22
<i>Protestos a Arminda</i>	25
<i>Retrato de Amira do Douro.</i>	27
<i>O Bicho mulher.</i>	30

NUMERO VIII.

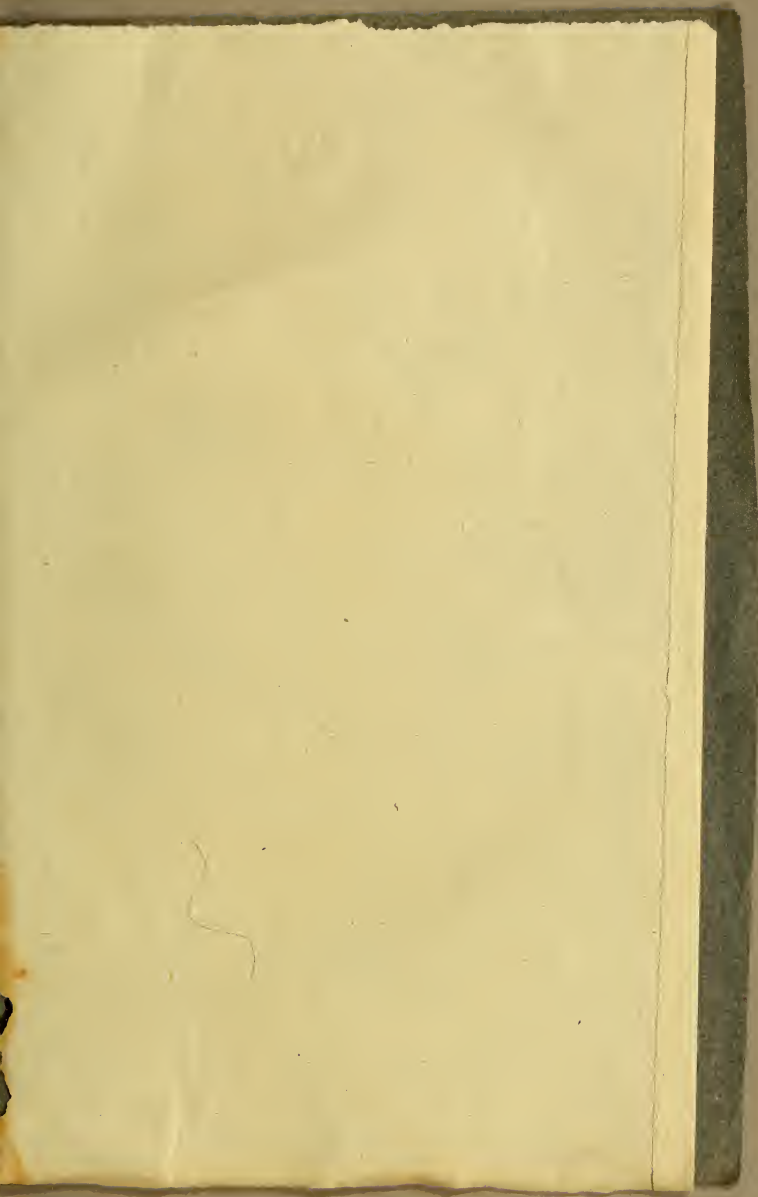
<i>Soffrer por gosto.</i>	1
<i>Segredo respeitoso</i>	3
<i>Impaciencia</i>	6
<i>Afirmativa</i>	8
<i>Bondades de Amor</i>	10
<i>Continuação de suspiros</i>	14
<i>Desabafar</i>	16
<i>Perdão</i>	18
<i>Tenhão dó.</i>	20

ÍNDICE.

<i>Medo do papão</i>	22
<i>Ignorante de Amor</i>	24
<i>Avisos prudentes</i>	26
<i>Leilão</i>	29
<i>Ouve, vê e cala</i>	31

N. III. pag. 4.

saudadosas lê saudosas.



98-13

E788

A2158

V. 2.

